

---

# VIVÊNCIAS, SENTIDOS E REPRESENTAÇÕES KAXARARI: DIÁLOGOS CULTURAIS

**EXPERIENCES, SENSES AND REPRESENTATIONS KAXARARI:  
CULTURAL DIALOGUES**

**EXPÉRIENCES, SIGNIFICATIONS ET REPRÉSENTATIONS KAXARARI:  
DIALOGUES CULTURELS**

Francisco Ribeiro Nogueiras<sup>1</sup>  
Josué da Costa Silva<sup>2</sup>  
Américo Costa Kaxarari<sup>3</sup>  
Adnilson de Almeida Silva<sup>4</sup>

---

**RESUMO:** Apresentamos neste artigo os resultados de uma atividade realizada com o povo indígena Kaxarari, que habita a Terra Indígena Kaxarari (TIK), cujo território encontra-se localizado nos estados de Rondônia e Amazonas. Trata-se de um povo originário que, desde a década de 1960, tem recebido pressões externas sobre seu território, notadamente pelo avanço da fronteira econômica na porção sul-ocidental da Amazônia brasileira. A motivação deve-se ao fato de que, praticamente, não existe material acadêmico-científico que aborde a trajetória de vida desse povo indígena, apesar de ser um dos mais sofrido com uma série de pressões ao longo de décadas. Vivências, sentidos e representações Kaxarari, trata-se da construção de diálogos culturais estabelecidos entre este povo e pesquisadores, com vista ao registro de suas memórias, ainda que fragmentadas, ao tempo que busca situá-lo como visível na sociedade abrangente. Metodologicamente o trabalho está centrado na fenomenologia. As informações foram obtidas por meio de registros, em diálogos abertos, como: entrevistas, imagens, relatos e narrativas. Alguns aportes teóricos e conceituais são provenientes de revisão bibliográfica. Os resultados obtidos são demonstrados por esses registros, os quais procuramos mapear suas vivências, seus sentidos e representações. Alertamos, todavia, que é necessário aprofundar

---

1 Mestrando em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação Mestrado e Doutorado em Geografia da Universidade Federal de Rondônia – PPGG/UNIR e Pesquisador do Grupo de Estudos e Pesquisas Modos de Vidas e Culturas Amazônicas - GEPCULTURA/UNIR. E-mail: fribeiron@hotmail.com.

2 Docente no Departamento de Geografia e no PPGG/UNIR. Pesquisador do GEPCULTURA/UNIR. E-mail: jcosta@unir.br.  
Cacique do povo Kaxarari. Distrito Extrema de Rondônia – Porto Velho – Rondônia. E-mail: americokaxarari@hotmail.com.

3 Docente no Departamento de Geografia e no PPGG/UNIR. Pesquisador do Grupo de Pesquisas Geografia, Natureza e Territorialidades Humanas - GENTEH/UNIR. E-mail: adnilson@unir.br.

Apoio: Programa de Apoio ao Pesquisador Rondoniense (PQR), Chamada N°. 003/2017/PQR/FAPERO, Outorga 042/2017, Protocolo 33897.521.20813.06102017, por meio do projeto “Geografia e Marcadores Territoriais: Sentidos e Representações Socioculturais Amazônicas” CHAMADA 003/2017. Agradecimentos pela revisão de tradução: Klondy Lúcia de Oliveira Agra (inglês) e Charlot JN Charles (francês).

Artigo recebido em março de 2020 e aceito para publicação em outubro de 2020.

as discussões acerca dos Kaxarari em todas as áreas do conhecimento, mas que, no presente momento, a Geografia com uma abordagem cultural, traz à tona o início de relevante temática.

**Palavras-chave:** Amazônia. Povos indígenas. Kaxarari. Vivências e representações.

**ABSTRACT:** We present in this article the results of an activity carried out with the Kaxarari indigenous people, who inhabit the Terra Indígena Kaxarari, whose territory is located in the states of Rondônia and Amazonas. It is an originating people that, since the 1960s, has been receiving external pressures over your territory, notably by the advance of the economic frontier in the southwestern portion of the Brazilian Amazon. The motivation is due to the fact that there is virtually no academic-scientific material that addresses the life trajectory of these indigenous people, despite being one of the hardest hit by a series of pressures over decades. Kaxarari's experiences, meanings and representations, it are the construction of cultural dialogues established between this people and researchers with a view to recording their memories, albeit fragmented, while seeking to situate them as visible in the comprehensive society. Methodologically the work is centered on phenomenology. The information was obtained through records, in open dialogues, such as interviews, images, reports and narratives. Some theoretical and conceptual contributions are from literature review. The results obtained are demonstrated by these records, which we seek to map their experiences, their meanings and representations; we warn, however, that it is necessary to deepen the discussions about the Kaxarari in all areas of knowledge, but that at the moment Geography with a cultural approach brings to light the beginning of a relevant theme.

**Keywords:** Amazon. Indigenous peoples. Kaxarari. Experiences and Representations.

**RÉSUMÉ:** Dans cet article, nous présentons les résultats d'une activité réalisée avec le peuple autochtone Kaxarari, qui habite dans la Terra Indígena Kaxarari, dont le territoire est situé dans les états de Rondônia et d'Amazonas. C'est un peuple originaire qui, depuis les années 1960, a subi des pressions extérieures sur son territoire, notamment par l'avancée de la frontière économique dans la portion sud-ouest de l'Amazonie brésilienne. La motivation est due au fait qu'il n'y a pratiquement aucun matériel académique et scientifique qui traite de la trajectoire de vie de ce peuple autochtone, bien qu'il soit l'un des plus durement touchés par une série de pressions sur des décennies. Les expériences, les significations et les représentations de Kaxarari sont la construction de dialogues culturels établis entre ce peuple et les chercheurs, en vue d'enregistrer leurs souvenirs (mémoires), même quand fragmentés, tout en cherchant à les situer avec visibilité dans la société au sens large. Méthodologiquement, le travail est centré sur la phénoménologie. Les informations ont été obtenues grâce à des enregistrements, dans des dialogues ouverts, tels que des interviews, des images, des rapports et des récits. Certaines contributions théoriques et conceptuelles proviennent d'une révision bibliographique. Les résultats obtenus sont démontrés par ces enregistrements, que nous cherchons à cartographier leurs expériences, leurs significations et leurs représentations; nous avertissons cependant qu'il est nécessaire d'approfondir les discussions sur les Kaxarari dans tous les domaines de la connaissance, mais que, à l'heure actuelle, la géographie avec une approche culturelle, amène le début d'une thématique pertinente.

**Mots-clés:** Amazonie. Peuples autochtones. Kaxarari. Expériences et Représentations.

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O trabalho origina-se de uma atividade de campo desenvolvido por professores, discentes da graduação e do Programa de Pós-Graduação Mestrado da Universidade Federal de Rondônia por meio dos Grupos de Estudos e Pesquisas Modos de Vida e Culturas Amazônicas (GEP/CULTURA) e Geografia, Mulher e Relações Sociais de Gênero (GEP/GÊNERO), junto ao povo indígena Kaxarari.

Para tanto, foi concebido o projeto Viver Kaxarari com o objetivo de *in loco*, vivenciar, sentir e aprendermos sobre as representações desse povo, em seus aspectos culturais, saberes, fazeres e etnoconhecimentos. A motivação do projeto se deu em virtude de um convite do Presidente da Organização das Famílias Indígenas Kaibu Kaxarari – OFIKK, Edson Costa da Silva Kaxarari, para conhecermos a realidade vivenciada por seu povo, nos aspectos culturais, sociais, organizativos, os quais pudessem ser retratados e inseridos no contexto acadêmico-científico, mas também como afirmação política.

É imperativo mencionar que durante o trabalho de campo foi realizado o I Encontro das Mulheres Kaxarari, o qual oportunizou o intercâmbio de conhecimentos e a reflexão sobre o povo, além da apresentação da cultura e valores culturais, representações da espiritualidade e do sagrado (valores, objetos, lugares, espaços, territórios, símbolos, tradições, danças, ritos, rituais, etc.). O encontro foi realizado no período de 30 de outubro a 2 de novembro de 2018, na Aldeia Barrinha, distante 37km do Distrito de Extrema de Rondônia. Essa é uma das mais antigas aldeias, outras oito complementam e compõe o povo Kaxarari, o qual possui aproximadamente 150 famílias e totaliza um universo de 620 indígenas, conforme informações obtidas junto ao povo.

Em conformidade com os relatos do povo Kaxarari, desde muito tempo, especialmente, a partir da década de 1960, com a intensificação da colonização da fronteira econômica da porção sul-ocidental da Amazônia tem sofrido uma série de pressões externas, as quais tem deixado marcas em seu modo de vida.

Tais marcas são provenientes de conflitos armados, na luta contra as invasões de seu território – que resultou em perdas territoriais. Para além disso, a exploração desautorizada e ilegal tem provocado o esvaziamento das riquezas minerais, vegetais e animais. Também sofreram em períodos anteriores à década de 1960 quando seus membros eram submetidos a trabalhos análogos à escravidão, com patrões caucheiros peruanos e seringalistas, marreteiros e garimpeiros brasileiros, realizavam a exploração da mão-de-obra; todo esse quadro resultou em inúmeras mortes de seus entes queridos, as quais foram potencializadas, sobretudo, pela malária, doenças respiratórias e outras que não conheciam e que são decorrentes do contato humano.

A aproximação com a sociedade envolvente brasileira e boliviana<sup>5</sup> tem possibilitado que os Kaxarari acessem alguns equipamentos modernos, tais como: saúde, educação (inclusive superior), comercialização, profissionalização, energia elétrica, água encanada, residências construídas com madeira (a maioria em condições não muito adequadas), televisão e internet. Salienta-se que postos de saúde e atendimento de saneamento, assim como escolas até o ensino fundamental completo funcionam nas aldeias em condições não satisfatórias, mas que poderão ter melhorias, visto que as usinas hidrelétricas do Complexo do rio Madeira a título de compensação ambiental e social realizam a construção de prédios para essas destinações específicas.

## **PERCURSO METODOLÓGICO**

A abordagem descrita no presente trabalho se apoia nos princípios da Fenomenologia, notadamente em Cassirer (1992 [1925]; 2001 [1926]; 2004 [1926]; 1953-1957 [1929]; 2005 [1942]; 1968 [1944]; 1978 [1944]; 1994 [1944]; 1976 [1946]; 2005 [1951]; 1975 [1956]), que modo geral considera que a consciência decorre da análise intencional e descritiva da consciência, cujas definições remetem às relações essenciais entre atos mentais e mundo externo.

Com isso, o autor considera que a constatação no mundo das exterioridades e objetos são detentores de aspectos inflexíveis da percepção dos objetos e a produção de atributos da realidade, isso faz com que possamos qualificar ou perceber nossas ações no mundo, ou seja, como somos e como representamos e somos representados perante o mundo.

Na fenomenologia proposta por Cassirer, encontramos conceitos como espaço de ação, formas simbólicas, pregnância simbólica, linguagem, substância, representações simbólicas, formas e função. Estas nos oferecem a perspectiva do espaço-ação, originada pelas representações e formas simbólicas, o que possibilita o ser humano se inserir no mundo e compreender sua lógica sobre o ser e não sobre o dever ser, de modo que compreendemos as coisas pela existência concomitante do real e ideal, caracterizadas como existência fenomenal.

Os caminhos percorridos em nosso trabalho são alicerçados nos levantamentos de dados realizados, por meio de registros em diálogos abertos, como: entrevistas, imagens, relatos e narrativas. A característica principal é oferecer dentro da perspectiva fenomenológica uma vertente aproximativa com a etnografia, a qual tem como base o estabelecimento de relação intersubjetiva entre o pesquisador e os demais atores – aqui entendido como intercâmbio de conhecimentos e vivências. Para além dos meios de aquisição de dados também utilizamos a revisão bibliográfica pertinente, com a finalidade de fundamentar nosso texto.

Deste modo, estabelecemos diálogos com as lideranças de todas as aldeias Kaxarari, para obter dados e informações, durante o período de duração do I Encontro das Mulheres daquele povo. Dialogamos com professores, agentes indígenas de saúde (AIS), agentes indígenas de saneamento (AISAN), presidentes das associações, que representam tanto a etnia como um todo, quanto um clã e/ou uma aldeia Kaxarari. Interagimos com outros indígenas que se dispuseram ou que tivemos melhor facilidade ou empatia para conversar, trocar ideias e conversar sobre a sua cultura.

Ressaltamos que o diálogo com a liderança da Aldeia Kawapu, ocorreu somente no final do evento, pois afirmaram que não foram convidados a participar das atividades do I Encontro das Mulheres Kaxarari, realizado na Barrinha.

Na nossa percepção existe um código de condutas entre os Kaxarari para receber e conversar com os visitantes, pois nem tudo pode ser falado sem o aval da liderança, isto significa que existe o respeito e hierarquia interna, como regra, em que ninguém se pronuncia além do necessário. Qualquer informação mais aprofundada ou sobre símbolos e representações, e a depender da natureza da pergunta, precisa ser autorizada pela liderança, o que caracteriza para a segurança e preservação de seu povo.

Entendemos como liderança, o cacique homem ou mulher, que é o chefe geral e autoridade máxima de cada aldeia, responsável por tudo e todos, é aquele que autoriza ou não o acontecimento de quaisquer eventos em suas comunidades. É importante destacar que essas lideranças em tempos idos eram os antigos caciques ou tuxauas, que poderiam inclusive exercer atividades de pajés, caso fosse preparado para isso. A terminologia mudou, mas a essência do conceito permanece, como representação de poder.

As lideranças das aldeias Kaxarari com as quais mantivemos diálogos estão apresentadas na Tabela 2. Em geral, as vice-lideranças ou vice caciques são quase sempre o/a companheiro/a ou um/a sobrinho/a.

A título de informação e esclarecimento, de acordo com o senhor Vitorino César Kaxarari, da Aldeia Pedreira, primo do cacique Américo (Manu) Costa Kaxarari<sup>7</sup>, da Aldeia Barrinha, antigamente o chefe das aldeias era o tuxaua - autoridade máxima no meio indígena. Depois esse nome foi substituído por cacique, com o mesmo poder e liderança, mas com nome diferente. Nos dias atuais, por influência do mundo moderno e o contato com a sociedade envolvente passaram a ser chamados de lideranças.

Afirma o senhor Vitorino que os Kaxarari têm seu nome civil registrado no cartório em português, como se fosse um deles, como “homem branco”, acrescentado a etnia para dar o respaldo oficial. Assim, todos os indígenas de seu povo têm no registro civil no final a palavra Kaxarari, preservam, contudo, o seu nome original na língua materna, visto que tem seu significado, importância e valor.

## APORTES TEÓRICO-CONCEITUAIS

A construção do trabalho se apoia na fenomenologia por meio dos conceitos de espaço de ação, formas simbólicas, pregnância simbólica, linguagem, substância, representações simbólicas, formas e função, descritos por Cassirer (1992 [1925]; 2001 [1926]; 2004 [1926]; 1953-1957 [1929]; 2005 [1942]; 1968 [1944]; 1978 [1944]; 1994 [1944]; 1976 [1946]; 2005 [1951]; 1975 [1956]), como condução filosófica.

Para além disso estão presentes outros conceitos como o de geograficidade em Dardel (2011), pois entendemos que as ações dos povos originários em suas coletividades, valores, representações simbólicas, organização social, política, cultural, espiritual e territorial retratam suas experiências, vivências, sentidos e representações Kaxarari possibilitam e aproximam diálogos culturais, como expressividade do ser, como uma:

[...] geograficidade, a qual expressa a própria essência geográfica do ser-e-estarno-mundo. Enquanto base da existência, a associação entre geograficidade, lugar e paisagem tem sido fértil, permitindo uma compreensão fenomenológica da experiência geográfica (DARDEL, 2011, p. XII).

Pela concepção dardeliana é possível estabelecer uma relação como os povos indígenas realizam sua feitura e leitura de mundo, onde a terra é extensão e integrante de suas vidas e do modo de bem viver com sua geograficidade. Esta aproximação é oportunizada pela reflexão de Dardel (2011, p. 48) ao considerar que:

[...] a ligação do homem com a terra recebeu, na atmosfera espaço-temporal do mundo mágico-mítico, um sentido essencialmente qualitativo. A geografia é mais do que uma base ou elemento. Ela é um poder. Da terra vêm as forças que atacam ou protegem o homem, que determinam sua existência social e seu próprio comportamento, que se misturam com sua vida orgânica e psíquica, a tal ponto que é impossível separar o mundo exterior dos fatos propriamente humanos.

Tal concepção aproxima-se da descrição de Almeida Silva (2010; 2015) ao conceituar os marcadores territoriais e demarcadores territoriais. O primeiro é qualificado como estruturantes e o segundo como estruturadores. Assim, o autor considera que:

A concepção de “marcadores territoriais” pode ser compreendida a partir dos símbolos que ocorrem enquanto espaço de ação, definem territorialidades vinculadas à cosmogonia e experiências socioespaciais e possibilitam a formação das identidades culturais e do pertencimento identitário. [...] são experiências, vivências, sentidos, sentimentos, percepções, espiritualidade, significados, formas, representações simbólicas e presentificações que permitem a qualificação do espaço e do território como dimensão das relações do espaço de ação, imbricados de conteúdos geográficos (ALMEIDA SILVA, 2010, p. 105).

Na proposição de Almeida Silva (2010, p. 116-117), demarcadores territoriais são aqueles que “relacionados a um processo da sociedade envolvente e ocorre por imposição jurídica, ou seja, de fora para dentro do espaço, como afirmação das políticas territoriais do Estado”. Como tal, muitas vezes o legado cultural e a ancestralidade coletiva daqueles que habitam suas territorialidades desde tempos imemoriais não são ponderadas pelos agentes externos, os quais influenciam e interferem nos modos de vida das populações originárias e povos tradicionais.

Ao refletirmos sobre tais questões, abre-se espaço para discutirmos o conceito de cultura. Neste sentido, utilizamo-nos da contribuição de Claval (2007) ao abordar que:

A cultura é a soma dos comportamentos, dos saberes, das técnicas, dos conhecimentos e dos valores acumulados pelos indivíduos durante suas vidas e, em outra escala, pelo conjunto dos grupos de que fazem parte. A cultura é herança transmitida de uma geração a outra. Ela tem suas raízes num passado longínquo, que mergulha no território onde seus mortos são enterrados e onde seus deuses se manifestaram (CLAVAL, 2007, p. 63).

A afirmação do autor é relevante no caso indígena e entendemos que se situa em três dimensões apropriadas de temporalidade com repercussões no espaço de ação, em que a primeira ocorre pela relação mítica com a criação do homem e as coisas; a segunda é marcada pela ancestralidade antes do encontro com a sociedade envolvente; e a última ou atual com o encontro ou aproximação com a sociedade envolvente, ancorada também nas temporalidades míticas, nas ancestralidades e nos espaços de ação, com isso podem ser caracterizadas como “mudança e permanência” na definição de Sahlins (2003, p. 7 e 181 [1985]; 1997a, p. 41-73; 1997b, p. 116).

Deste modo, as mudanças e permanências estão relacionadas à cultura, o que para Hoebel e Frost (2005, p. 16 [1976]), constituem-se como um fenômeno dinâmico, que opera numa coerência própria, a qual projeta, constrói e reconstrói a coletividade não como um processo natural, porém se realiza pela aquisição de representações, significados, sentidos e ressemantizações.

Entendemos que as descrições conceituais dos autores mencionados estão, de algum modo, referendadas nas proposições de Cassirer, especialmente por abarcar temáticas que envolvem a subjetividade e intersubjetividade humanas.

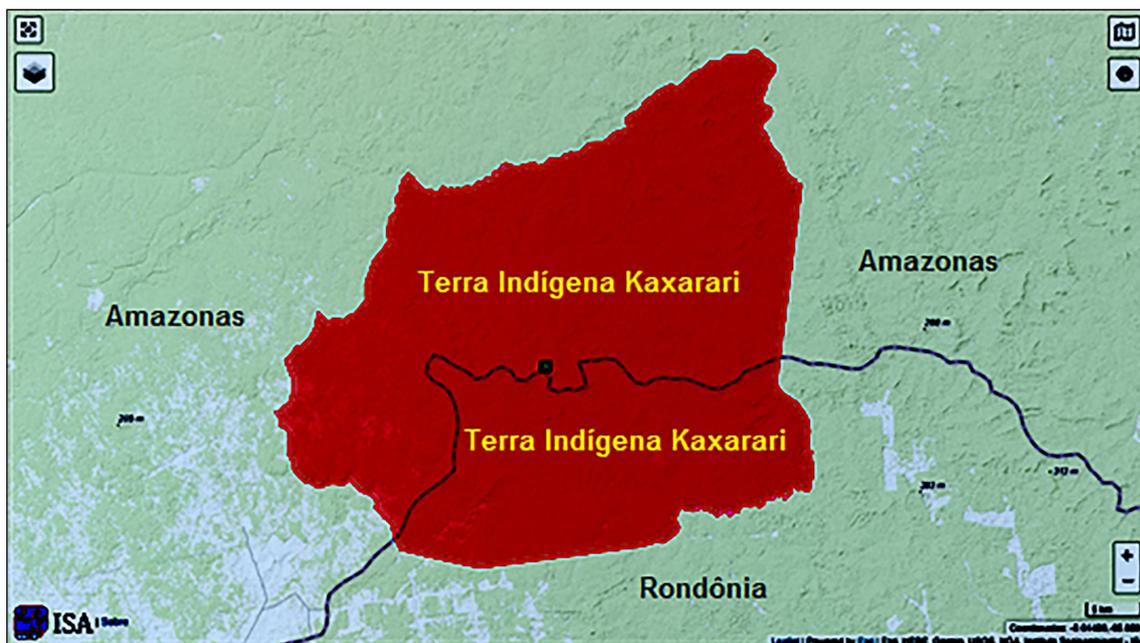
## **TERRA INDÍGENA KAXARARI: A ETNOGEOGRAFIA VISTA PELO POVO KAXARARI**

Com uma área total de 145.889 hectares, está legalmente constituída e localizada na jurisdição territorial da Amazônia Legal, na porção sul-ocidental, foi demarcada e homologada pelo Governo Federal. Situa-se próxima ao limite com o Acre, incide sobre os estados de Rondônia (aproximadamente 35% da área) e Amazonas (65%).

Os Kaxarari habitam a parte limítrofe inferior da TIK (Figura 1), exclusivamente na parte rondoniense, com isso ocupam uma faixa aproximada de 40km a partir do limite demarcado, com um total de nove aldeias distribuídas pelo território, e, algumas delas distante até 15km em relação a outras. O limite inferior da TIK, em Rondônia, está distante acerca de 25km da BR-364, cujos limites são paralelos à essa rodovia federal.

Em conformidade com as informações fornecidas pelo cacique Américo, líder da Aldeia Barrinha – onde aconteceu o I Encontro das Mulheres Kaxarari – lembra que durante as décadas de 1940 e 1950, quando ele ainda era criança, seu povo tinha muitas terras e era um vasto território onde se habitava, andava, caçava e pescava, ao tempo que observava e mapeava a área. Por isso lembra-se com bastante precisão de toda a terra, onde o povo realizava as atividades.

Relata que a terra de seu povo é bem drenada por vários rios e igarapés, e citou alguns nomes, pois não se lembra de todos. Entre os rios cita o Marmelo, o qual deu origem a uma das atuais aldeias, a Marmelinho; o Azul e seus afluentes Barrinha e Maloca, bem como o igarapé Macurenem e seu afluente Calaicá. A então Aldeia Azul situava-se à margem esquerda do rio de mesmo nome, assim como o igarapé Barrinha, deu origem ao nome da Aldeia Barrinha antiga, que são as duas primeiras daquele período, e ali iniciou-se a formação dos clãs Kaibu e Yamaku.



Fonte: Instituto Socioambiental – ISA (2019).

**Figura 1.** Terra Indígena Kaxarari entre Amazonas e Rondônia.

De acordo com o senhor Américo, todos os rios e igarapés foram muito ricos em peixes, mas que atualmente existe uma escassez grande dessa fonte proteica, devido à diminuição do volume de água, além dos leitos dos rios e igarapés estarem assoreados. Um dos motivos para tanto, aponta, por exemplo, que o rio Azul teve seu curso desviado devido às explosões na região para a retirada de basalto, granito e calcário, como atividade minerária – neste local está localizada atualmente a Aldeia Pedreira.

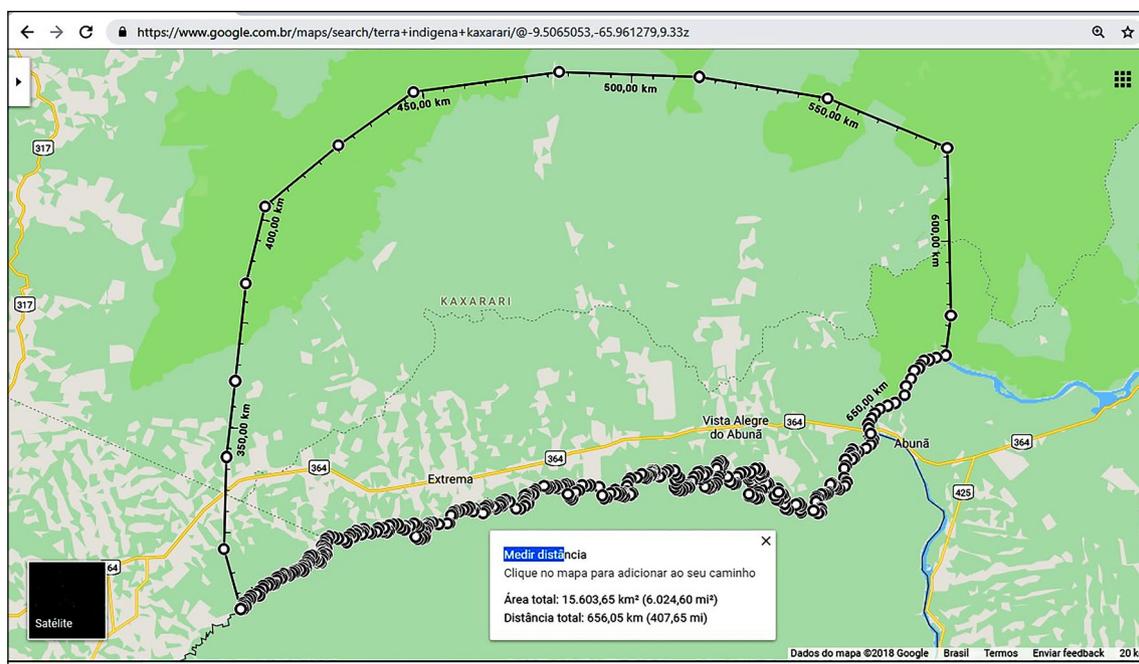
A exploração descontrolada da brita se deu pela retirada da pedra natural das jazidas ou minas, através do processo de decapagem do terreno e desmonte das rochas. A decapagem

consiste em limpar as bancadas dos terrenos, derruba-se a floresta com todas as suas espécies florestais existentes e retira-se a camada de solo e argila que estão sobre as pedras, o que ocasiona a degradação total do solo. Enquanto que o desmonte é conhecido pelas explosões com dinamites, em que estes são colocados em locais estratégicos na rocha e nela são efetuados furos profundos que propiciam sua fratura e desmonte em pedaços menores.

Assim, em decorrência dessas ações antrópicas, as atividades realizadas pelos não indígenas nas cercanias dos leitos dos rios e igarapés, somadas ao desmatamento, a exploração predatória de madeiras, a escavação para garimpagem de jazidas de minérios (ouro, diamantes e outras pedras preciosas)<sup>7</sup> destinadas à comercialização, a detonação explosiva de dinamites para exploração de pedreiras e cristais valiosos, tudo isso contribuiu para o bloqueio e o desvio de leito de rios e igarapés, de modo que resultou na morte e fuga de espécies de peixes e da fauna aquática.

De acordo com o relato do senhor Américo, um dos mais antigos remanescentes de seu povo, as terras conhecidas, habitadas e referenciadas pelos Kaxarari abrangiam desde a Ponta do Abunã, na travessia da balsa no rio Madeira, onde o rio Abunã encontra-se com o Madeira. Seguiam pelo distrito de Vista Alegre do Abunã, margeavam-se em subida pelo rio Abunã, que divide o Brasil da Bolívia, passavam pelo distrito de Extrema de Rondônia, adentravam uma parte de terras acreanas, dali prolongavam-se até o estado do Amazonas, depois desciam até às margens do rio Madeira e margeavam até a Ponta do Abunã.

Com as informações prestadas pelo senhor Américo, processamos manualmente uma “demarcação virtual” no Google Earth, conforme Figura 2, para termos a noção do tamanho que seriam suas terras referenciadas nas décadas de 1940-1960, quanto tudo por ali ainda era floresta virgem e havia uma grande biodiversidade de flora e fauna, com isso poderemos comparar com a atual área demarcada e homologada pelo Governo Federal.



Fonte: Informações do senhor Américo Kaxarari. Organ. por Nogueira (2019).

**Figura 2.** A TIK memorial nas décadas de 1940-1960.

Ao observarmos a “demarcação virtual”, as terras de ocupação tradicional dos Kaxarari em meados da década de 1950, eram de aproximadamente 15.600km<sup>2</sup>, equivalentes a 1.560.000ha; hoje a maior do que foi essa área é composta pelos distritos de Extrema de Rondônia, Vista Alegre do Abunã e Nova Califórnia, todos em Rondônia, várias fazendas, colônias e sítios nos estados de Rondônia, Amazonas e Acre, com alto índice de ações antrópicas, principalmente desmatamento, e ocupações por vastos campos de pastagens para criações de animais, culturas de subsistência, entre outras plantações de lavouras com fins estritamente comerciais, como a soja.

Com a afirmação do senhor Américo que “no período de 1900 a 1940, nossa terra indígena era ainda maior, passava por três estados: Acre, Amazonas e Rondônia, pois chegava a emendar com os municípios amazonenses de Lábrea e pedaço do Humaitá”, isso nos leva a concluir, que as terras ocupadas (povoadas) no início do século XX pelos Kaxarari, poderia totalizar aproximadamente 50.000km<sup>2</sup>, equivalente a 5.000.000ha.

Se considerarmos as terras que os Kaxarari ocupavam no início do século passado com a atual área demarcada, vemos que houve uma redução de quase 97% original, o que representa menor espaço para sua sobrevivência, locomoção e realização de atividades originárias, como caçar, pescar, plantar e extrair alimentos, frutos, folhas, dentre outros encontrados na floresta e nos rios.

Conforme relata o senhor Américo, por volta de 1950, aos poucos tiveram a terra invadida pelos não indígenas com suas atividades comerciais, tais como garimpo, borracha, castanha, pedreira e madeira, estas duas últimas principalmente, o que contribuiu para a diminuição da área acima referida.

Em meados de 1970, a liderança da antiga Aldeia Azul, cacique e pajé Antônio Alves Costa Kaxarari (Kaibu), um dos maiores e destemidos, reconhecidos e altivos guerreiros e lideranças, ainda venerado nos dias atuais pela maioria do seu povo, procurou pela primeira vez a FUNAI, em Porto Velho para reivindicar a demarcação e delimitação de suas terras, que eram invadidas pelos não indígenas, os quais utilizavam armas de fogo. Além disso, pediu assistência médica, visto que a malária era um dos maiores focos de mortandade, a qual era potencializada pelos conflitos territoriais com os “estrangeiros”, que disputavam suas terras.

Em conformidade com o senhor Américo, ainda na década de 1970, os caucheiros<sup>9</sup> peruanos, seringueiros, marreteiros, garimpeiros, fazendeiros brasileiros começaram a invadir suas terras indígenas, para a extração do látex (borracha natural, o sernambi), colheita da castanha, retirada de madeira para beneficiamento pelas serrarias, pedras e minerais diversos, enfim, uma gama de situações invasivas, o que gerou conflitos armados, com morte de muitas pessoas de seu povo e alguns poucos não indígenas – vez que estes possuíam armas de fogo e os indígenas apenas arcos e flechas, ou seja, era uma luta com desigualdade de condições de defesa.

Os Kaxarari durante décadas também atuaram no extrativismo vegetal com o corte do caucho e da seringueira, árvores nativas da Amazônia, tiravam a borracha natural e o sernambi que são produtos primários obtidos da coagulação do látex dessas duas espécies. Nessas atividades, inclusive, faziam trabalhos análogos à escravidão, de acordo com seus relatos, para atender os patrões seringalistas.

O extrativismo vegetal, a mais antiga atividade humana, que antecede à agricultura, à pecuária e à indústria, é ainda existente e muito atuante nos dias atuais no nordeste e norte brasileiros, com relevada importância para a sobrevivência de muitos povos, como: catadores de castanhas diversos, cocos diversos, açaí *Euterpe spp.*, pataúá *Oenocarpus bataua* ou *Jessenia bataua*, bacaba *Oenocarpus bacaba*, buriti *Mauritia flexuosa*, babaçu *Attalea speciosa*, pupunha *Bactris gasipaes*, tucumã *Astrocaryum aculeatum*, palmito, palmas,

palmeiras, folhas diversas, entre outras frutas e frutos silvestres de origem e exclusividade da Amazônia. No caso Kaxarari muitas dessas espécies são utilizadas para alimentação, como a castanha-do-brasil<sup>9</sup>, além de construção de residências, dentre outras finalidades.

A regularização e legalização da TIK foi concluída somente em 1991, sendo que os Kaxarari perderam consideráveis parcelas de seu território originário. Após a regularização, a TIK passou a receber outras pressões externas, notadamente, pela extração ilegal de madeira e pelo avanço da pecuária que ameaça a integridade física, territorial e humana.

## **BREVE HISTÓRIA DO POVO KAXARARI**

De acordo com o senhor Américo a história do seu povo é muito triste, permeada por brigas entre clãs, conflitos e mortes com o não indígena, que invadia em busca de terras e riquezas minerais e da biodiversidade. Na realidade, as narrativas são fragmentadas, mas relevantes para se entender os Kaxarari.

Ele afirma que “os homens brancos quase dizimaram o nosso povo, devido a ataques sangrentos, com mortes de vários parentes, e que foram mortos mais de 1.000 indígenas Kaxarari nos últimos 80 anos”, isso em decorrência de conflitos armados com os brancos, em luta pela defesa de suas terras e das riquezas existentes. A Terra foi invadida e apossada, especialmente por madeireiros antes da demarcação da TIK e nos últimos 30 anos tem aumentado essa ação ilegal, inclusive com a participação de alguns membros do povo.

O cacique Américo afirma que seu povo foi tão explorado pelo sistema predatório, visto que viveram um período quase que de “cativeiro” durante as décadas de 1950 e 1960, ou seja, trabalhavam apenas pela comida. O seringalista ou patrão obrigava todos a exercer atividades nas estradas de seringa, em troca dava-lhes alimentos para as refeições e, todas as noites quando chegavam em casa, tinham com fartura comida e bebidas alcoólicas, que os deixavam meio embriagados e nem tinham tempo para reclamar, mas no início da década de 1970 tudo foi mudado com a demarcação de suas terras, formada pela TIK, concluída oficialmente em 1991.

Em sua narrativa conta que o contato com o não indígena como caucheiros peruanos e seringalistas brasileiros foi um trauma muito grande para seu povo, o que resultou na depopulação Kaxarari, a qual tinha um pouco mais de dois mil habitantes no início do século XX, por volta de 1910, mas, com os conflitos com mortes, houve ainda doenças endêmicas, como a malária e a febre amarela, que ao longo dos anos ceifaram inúmeras vidas. Ficaram reduzidos a menos de 800 pessoas, por volta da década de 1980, quando ainda moravam nas duas últimas e tradicionais aldeias Kaxarari, no caso, a Azul e a Barrinha Antiga.

Essas duas aldeias que deram origem às atualmente existentes foram lideradas por dois primos legítimos, os então tuxauas (caciques) e pajés Kaibu, líder da primeira, e Artur César Kaxarari (Yamaku), da Barrinha Antiga. Eles eram descendentes de uma mesma linhagem clânica, provenientes de outra aldeia localizada num seringal, na colocação Boa Esperança, cuja liderança era do tio de ambos guerreiros, o também tuxaua e pajé Joaquim Pereira Kaxarari (Kumã), já falecido em meados do início da década de 1950, e sepultado em Boa Esperança; a localização dessa aldeia não foi possível identificar, pois se trata de três gerações antes das atuais lideranças e que não sabem realmente.

Kumã era o líder único e maior de todo o povo Kaxarari, teve quatro filhos, Maria Alves de Souza Kaxarari (Maniká), Maria Altilha Alves de Souza Kaxarari (Txanta), Dalziza Alves de Souza Kaxarari (Myu) e Alcides Alves de Souza Kaxarari (Mayá), este que veio a falecer justamente quando Kumã tinha a obrigação familiar e compromisso

de ensinar e preparar alguns indígenas para escolher seu sucessor como pajé de todo seu povo, para dar continuidade à obrigação de preservar os valores culturais e espirituais, o que inclui os rituais de pajelança, dentro das representações simbólicas Kaxarari.

Assim, sem descendente masculino direto para treinar, ensinar e transmitir os seus conhecimentos de pajé e ordenar outros sucessores a dar continuidade aos valores culturais, espirituais e sociais, dentro da lógica de responsabilidade masculina, em decorrência da postura patriarcal e patrilinear Kaxarari, Kumã escolheu então os dois sobrinhos e primos para repassar seus conhecimentos e prepará-los como lideranças e como seu sucessor.

No sistema de organização social do patriarcado, a característica é o domínio e poder total dos homens sobre todos, a mulher não tinha chance nenhuma de ascender a cargos nenhum, muito menos de liderança. Já no sistema de organização social patrilinear, a característica é a forma da sucessão, descendência e hereditariedade, que também privilegia a figura masculina para ser o sucessor, descendente e herdeiro de tudo: poder, domínio, posse e propriedade patrimonial.

Foi assim, então, pela total ausência de descendente masculino direto, que Kumã escolheu Kaibu e Yamaku, únicos parentes colaterais, para lhes ensinar o ofício, por meio de conhecimentos, saberes, fazeres e os riscos dessas funções. Uma vez escolhido o sucessor, este seria ordenado e empossado por Kumã no ofício de pajé e seria o seu sucessor e daria continuidade ao modo de conduzir o povo Kaxarari.

Em vida Kumã não conseguiu escolher, nomear, ordenar e empossar no ofício de pajé, pois faleceu antes de realizar o intuito. Todavia, as instruções fizeram com que Kaibu e Yamaku, assumissem-se como tuxauas e pajés. É imperativo destacar que Kumã faria sucessor apenas um deles, ainda que ambos fossem capacitados para tais funções.

Na década de 1950, Kaibu e Yamaku se tornaram tuxauas e pajés e deram continuidade às suas atividades para preservar, manter e perpetuar as origens e valores culturais Kaxarari, como língua, cultura, espiritualidade e organização. Cada um deles, no entanto, formou sua própria aldeia e para exercer a liderança, conforme compreendiam sua visão de mundo.

Assim foi que surgiu o que ainda se sabe nos dias atuais sobre os antigos tuxauas e pajés Kaibu e Yamaku é que foram os últimos a praticarem as atividades de liderança e espiritualidade nos antigos moldes da cultura Kaxarari. Kaibu era casado com Iraci Alves Costa Kaxarari (Kamikô), pais do cacique Américo, que oportunizou as narrativas no presente estudo.

Após Kaibu e Yamaku, nenhum outro Kaxarari foi efetivamente preparado por eles e pronto oficialmente para exercer as funções de pajé dentro das aldeias Kaxarari. Alguns dos atuais caciques, como o senhor Américo, foram apenas iniciados por Kaibu no ofício de pajé e demais conhecimentos ancestrais e rituais e representações simbólicas, sem, contudo, concluir a preparação.

O senhor Américo afirma que tinha medo e, então, teve um pouco de aprendizado do ofício da pajelança ao longo da convivência com seu pai Kaibu, que lhe ensinou fazer remédios para parto, hemorragia, reza para a criança não morrer na barriga da mãe. Kaibu aplicou-lhe o Kupá<sup>11</sup> em Américo, o qual teve uma visão de Tsurá (deus) que lhe explicou a origem dos Kaxarari.

Por este motivo o pajé deixou efetivamente de existir e ter sucessor, em razão do não interesse no aprendizado, além do não incentivo aos filhos para serem preparados e aprenderem a pajelança. Com isso há certa ruptura para preservar a memória cultural, embora se compreenda que para o povo seria um aprendizado e uma herança muito fortes.

Alguns dos atuais líderes das aldeias Kaxarari iniciados no ofício da pajelança por Kaibu e Yamaku, apenas guardaram os seus instrumentos e preparativos desses rituais, mas não exerceram ou pretendem exercer as atividades e a função de pajé em suas aldeias, isto se dá por dois motivos.

O primeiro pelo respeito e consciências de saber que não estão devidamente preparados e seguros para realizar os rituais espirituais. O segundo, devido ao fato de que perderam estes instrumentos e preparativos, pois deles foram “roubados” e literalmente “queimados” por orientação religiosa evangélica, o que deixou-os impossibilitados de exercer a função, ainda que quisessem assumir, a qualquer tempo, os riscos e a responsabilidades de tal função, sem estarem plenamente preparados e seguros para o exercício do ofício.

Em conformidade com o senhor Américo, os líderes Kaibu e Yamaku foram os últimos tuxauas tradicionais da etnia, pois, com a criação da FUNAI, em dezembro de 1967, passaram a ser chamados de caciques, e a nomenclatura anterior deixou de existir no meio do seu povo. Para ele, o cacique passou a ser conhecido e respeitado pela população indígena e sociedade urbana, como verdadeiros líderes de suas aldeias, o que fez com que posteriormente, passassem a ser denominados de liderança indígena, o que em sua análise trata-se de uma visão empresarial, capitalista, de gestão de negócios, pessoas e conhecimentos, do que propriamente reflete aquilo que realmente seja uma liderança indígena.

A consideração do senhor Américo Kaxarari é que a mudança da nomenclatura para liderança foi uma estratégia do governo para desqualificar a o cacique, ou seja, é um termo eminentemente político que deixa transparecer uma visão de liderança, de poder político, mas sem efetivamente algum poder, pois, na prática, são apenas meros representantes de cada aldeia específica e nada mais do isso.

De acordo com o senhor Américo, essas lideranças – os ditos caciques – não têm mais voz ativa para nada, não são reconhecidos pela FUNAI, não têm controle de muitos acontecimentos que ocorrem no seio de sua aldeia e nas suas matas, mesmo porque existem atos e abusos praticados pelo seu próprio povo, o que gera conflitos e rivalidades, de modo que deixa-os sem ação para agir de modo mais firme e justo, no sentido de manter a ordem, pois correm o risco até de serem ameaçados internamente pelas pessoas que compõem a etnia.

Não existe efetivamente um representante geral Kaxarari que possa defender os interesses gerais desse povo, pelo contrário, estão divididos nos clãs Kaybu e Yamaku. Para além disso, existe associação de moradores somente da sua aldeia, o que transparece existir uma desunião dos seus membros, tanto dentro de cada aldeia, como entre as aldeias e os clãs entre si, o que evidencia a falta de liderança geral, para que possa evitar ou amenizar os conflitos internos da TIK. O clã Kaybu mantém “certa” união entre todas as suas seis aldeias, ainda que cada uma delas tenha a sua independência, individualidade e liberdade de ação, mas se preservam unidos e atuam juntos nos eventos comunitários sociais que realizam.

Assim, os antigos caciques passaram a ser conhecidos como lideranças das atuais aldeias Kaxarari, o que transmite a visão moderna proveniente da cultura do não indígena, como líder de equipe ou de uma “empresa”, com isso são tidos como dirigentes, gestores, presidentes de grandes empresas nacionais, vez que em meados do final do século XX, segue o princípio da “ordem mundial capitalista”, ditada naquele momento, para uso conceitual da palavra, a exemplo do que acontece com a palavra agronegócios nos dias atuais.

Ainda como tuxauas e pajés, Kaibu e Yamaku, morreram com esse digno título, devidamente preparados e treinados por Kumã, os quais lideraram por longos anos as aldeias Azul e Barrinha Antiga, respectivamente, e preservaram toda a cosmogonia e organização Kaxarari.

Na avaliação deste coletivo indígena quase nada foi mantido ou preservado pelos seus descendentes e sucessores, visto que não praticam mais atividades com essa finalidade, entretanto, ainda realizam algumas danças em datas específicas e pontuais.

Por outro lado, incorporaram valores culturais do não indígena como a celebração do dia do índio (19 de abril), Natal (25 de dezembro) e Confraternização Universal (1º de janeiro), entre outras datas festivas, as quais aparecem elementos da cultura Kaxarari.

O senhor Américo, em seu relato memorial, afirma que no início da década de 1980, a Construtora Mendes Júnior invadiu as terras de seu povo, na região da atual Aldeia Pedreira. Ali a empresa se instalou e começou a fazer grande exploração da jazida mineral monolítica de basalto, a pedra brita, implodida com dinamites, e depois moídas em britador, para usar na pavimentação da BR-364 e construção de conjuntos habitacionais em Rio Branco-Acre. As escavações desordenadas da Mendes Júnior deixaram várias crateras e grandes buracos que acumulam água das chuvas – verdadeiras piscinas, sem irrigação corrente, e servem como focos e criadouros do mosquito anófeles, agente transmissor da malária e febre amarela, com isso tornou-se o segundo maior agente causador de mortandade e depopulação do povo Kaxarari.

De acordo com o senhor Américo, a área explorada ilegalmente pela empresa foi muito grande, mas não sabe precisar exatamente o tamanho, estima que era mais de 200ha de floresta derrubada para as escavações da mina de pedras.

O senhor Américo prossegue e diz que em dia 03 de agosto de 1985 o sarampo matou seu pai Kaibu, o qual era muito querido e respeitado pelo tuxaua Yamaku, justamente pela luta empreendida no processo de demarcação da TIK. Em seu leito de morte, Kaibu, reuniu seu clã e fez três pedidos, a saber:

O primeiro foi sobre seu desejo de ser sepultado na área da Aldeia Azul, e indicou o local onde deveria ser. Assim foi cumprido seu desejo, de acordo com os rituais fúnebres Kaxarari.

O segundo informou ao seu povo que todos deveriam se mudar da Aldeia Azul logo após o seu falecimento, pois se permanecessem ali correriam risco de morrerem, por algum motivo, alguma peste ou algo sobrenatural aconteceria, e não sobraria ninguém para contar a história. Possivelmente, essa mudança de local tenha sido um compromisso espiritual que Kaibu tenha feito no passado, quem sabe até para proteger o seu povo de possível malogro, e a retirada de seus descendentes tenha sido a contrapartida combinada para ser cumprida. De fato, todo seu clã se mudou para a atual Aldeia Pedreira.

O terceiro pedido foi que ninguém de seu povo deveria voltar ao local da Aldeia Azul e ao seu túmulo por muitos anos, mas não explicou por quanto tempo seria, nem as motivações e tampouco as consequências para quem desobedecesse. Este pedido final de Kaibu corrobora o seu possível compromisso para proteger seu clã de terrível ameaça.

O senhor Américo também não soube dizer qual seria esse tempo em anos que não poderiam voltar ao local da Aldeia Azul, ainda que por visita. Ele apenas respeitou a recomendação de seu pai Kaibu e, até os dias atuais, jamais regressou naquele local, nem mesmo visita ou passa perto dali.

Assim, todos se mudaram para a Pedreira, até o momento em que a Construtora Mendes Júnior passou a explorar rochas na localidade, e ali estabeleceu conflitos em decorrência da atuação da empresa. Então o clã Kaibu se uniu aos membros da Aldeia Barrinha, pertencente ao de Yamaku, para defender os interesses maiores do Kaxarari que o território que sofria com a devastação e exploração da construtora.

Destarte, essas duas aldeias Kaxarari, uniram-se e mudaram-se para a região da pedreira, para combater a exploração da empresa, o que na ocasião gerou confrontos e conflitos e resultou em algumas mortes indígenas. Contudo, o povo Kaxarari instalou-se e estabeleceu-se naquele espaço, além do que adotaram o nome como Aldeia Pedreira.

Em sua narrativa sobre a história dos Kaxarari, o senhor Américo afirma que com essa união dos clãs Kaibu e Yamaku para defender as suas terras na pedreira, muitos

fatos ruins sucederam-se, e não durou muito tempo a convivência entre eles. Dentre esses fatos, enumera que: a) logo na chegada aconteceram mortes de parentes pelo conflito armado com a construtora; b) durante a convivência no local, outros parentes morreram em decorrência de doenças adquiridas na região das pedreiras, que tinham muitas poças de água das chuvas, formavam piscinas de águas paradas, ambiente ideal para a criação e proliferação do mosquito da malária e da febre amarela.

Em conformidade com seu relato, entre os anos de 1985 e 1989, muitos indígenas morreram na Aldeia Pedreira, com gripe, sarampo, catapora, malária e febre amarela. A malária foi quem propiciou o maior número de baixas humanas em seu povo, visto que naquele período, não tinham remédio, agentes de saúde e nem como levá-los à cidade para serem medicados, tratados e curados dessa e de outras enfermidades que os acometiam.

Em outubro de 1995 faleceu o último tuxaua e pajé Kaxarari, Yamaku, treinado no ofício da pajelança, junto com Kaibu, pelo tio Kumã. Yamaku foi sepultado na Aldeia Pedreira, como preceitua o ritual de seu povo.

## ORGANIZAÇÃO FAMILIAR KAXARARI E ALDEIAS

Está organizada e agrupada por linhagem patrilinear, em que as aldeias Pedreira, Paxiúba, Kawapu pertencem ao clã Yamaku, enquanto a Barrinha, Txakuby, Central, Nova, Marmelinho, Buriti são do clã Kaibu

Em conformidade com o cacique Américo, seu pai Kaibu e sua mãe Kamikô (Iraci) geraram dez filhos. Outros 28 de Kaibu foram com outras indígenas de seu povo, no entanto, não soube informar mais detalhes, como nome, situação de sobrevivência, local de moradia, dentre outros.

Os dez irmãos Alves Costa Kaxarari, filhos de Kaibu e Kamikô, são: Joseva, Maria (Xaripá), Joana, Cecília (Tchanto), Rita, Américo (Manu), Merciano, Paulo, Miguel (Ruir) e Camilo. Somente estão vivos Cecília, Paulo, Miguel e Américo (o mais velho dentre estes e que desde criança começou a trabalhar).

A mãe de Kaibu, Margarida Alves Costa Kaxarari, foi sepultada às margens do Remansinho, um igarapé afluente do rio Azul. Américo nasceu na Colocação<sup>11</sup> Buriti, onde desde os sete anos de idade, começou a auxiliar seu pai na extração do látex da seringueira; aos dez anos tomava conta de uma estrada de seringa, com mais oitenta extrativistas.

Todo o látex apurado pelos Kaxarari na área da atual TIK era vendida aos marreteiros, que compravam toda a produção naquela época, esses ditavam o preço e pagavam com mantimentos, pois essa era a moeda de troca, uma espécie de escambo, pois não havia movimentação de papel moeda nas transações de compra e venda da borracha.

Ainda criança, Américo observava a vida sacrificada de seu pai, então pediu-lhe que queria crescer para ajudá-lo; Kaibu realizou um ritual do nascimento na beira do rio Azul para atender o desejo do filho, com isso seu crescimento biológico foi muito e aos dezoito anos passou trabalhar para o seringalista, o que lhe conferiu certa autonomia e renda própria.

Além de Kaibu, outra grande liderança como cacique e pajé foi Yamaku, ambos eram primos e foram da época em que os Kaxarari ainda andavam nus, viviam totalmente à vontade na floresta, sobreviviam com extração para o sustento com a caça, pesca, coleta de frutos e frutas silvestres, além de plantarem espécies domesticadas como macaxeira e mandioca *Manihot esculenta* Crantz, milho *Zea mays*, feijão *Phaseolus spp.*, arroz *Oryza sativa* e diversas árvores frutíferas.

A Aldeia Azul, era a antiga moradia do clã Kaibu, localizava-se às margens do rio Azul, e distante aproximadamente 4km estava a Barrinha Antiga, situada na Colocação

Bom Lugar e era onde a antiga residência do clã Yamaku. Posteriormente se juntaram e mudaram para o local da atual Pedreira.

Depois de alguns meses de convivência, houve sucessivos desmembramentos e criação de novas aldeias, até atingir o número de nove em 2018, conforme pode ser constatado ainda nesta seção.

A Barrinha Antiga, antes era moradia do clã Yamaku, mas atualmente é dos descendentes de Kaibu. A Bueira, foi uma aldeia de transição do clã Kaibu, depois que se desmembraram da Pedreira, pois teve uma existência curta, em torno de 6 anos, até fundarem a atual Barrinha, e se fixaram por lá.

Como podemos perceber nos relatos até aqui apresentados, os Kaxarari se organizam nesses dois clãs, no entanto, se conseguíssemos relacionar a um elemento/fenômeno de retrospecto cosmogônico, ou seja, anterior a essas duas famílias clânicas, possivelmente encontraremos à gênese determinada por um ou mais demiurgos que suscitaram o processo organizativo social, cultural e espiritual desse povo.

A organização atual, conforme o senhor Américo, se deu com a junção entre os dois clãs em 1985 para defesa do território e em menos de meia década ocorreu sua separação e a criação de novas aldeias por linhagem clânica.

O processo de separação e desmembramento começou em 1989, por famílias Clã Kaibu, que saíram da Aldeia Pedreira para fundarem a Bueira, a qual em 1995 a foi dividida na Barrinha e Marmelinho. A Barrinha se desmembrou mais uma vez e deu origem a outra, denominada Txakuby. Na mesma direção a Marmelinho foi desmembrada e formou-se a Central, a Buriti e a Nova.

A Aldeia Pedreira, com familiares do clã Yamaku, também sofreu processo semelhante e desmembrada em outras unidades familiares, de modo a formar a Kawapu e a Paxiúba. O clã Yamaku hoje é maior, em quantidade de famílias e de pessoas, e de acordo com os relatos tem adotado uma postura mais próxima à cultura do não indígena no que diz respeito ao aproveitamento de seus recursos naturais.

Como uma recapitulação, os dois clãs conviveram por um tempo na Aldeia Pedreira, mas devido às doenças tropicais como a malária que causou baixas populacionais, somou-se ainda os conflitos armados – abre-se um parêntese que nos mais de 90 anos de contato, esses produziram inúmeras mortes dos Kaxarari.

Por coincidência, a primeira separação dos Kaxarari se deu pelas famílias descendentes de cada clã. A Aldeia Pedreira permaneceu com os pertencentes a Yamaku”, os demais indígenas em meados de 1989 algumas famílias do clã Kaibu decidiram migrar para outro local, devido à problemática da saúde, com isso fundaram a Aldeia Bueira, onde viveram por seis anos.

Depois de morarem por seis anos na Aldeia Bueira, parte das famílias do clã Kaibu estavam insatisfeitos ali e resolveram se mudar novamente para outro lugar mais seguro e livre de doenças. Assim, em meados de 1995, estabelecem-se e criam nova aldeia, a Barrinha, a qual é atualmente a segunda mais antiga entre as nove habitadas, a primeira é a Pedreira. Cabe destacar ainda que menos de um mês sozinhos na Bueira, outras famílias Kaibu em meados de 1995, também se retiraram e formaram a Marmelinho.

Depois de quase vinte anos de convívio familiar na Aldeia Barrinha, parte dela se desmembrou em meio de 2014 quando famílias buscaram um novo local de moradia e fundaram a Txakuby.

Decorridos nove anos de convívio na Marmelinho, ocorreu a separação de famílias que se mudam no final do primeiro semestre de 2004 e fundam a Aldeia Central. Nos

últimos dez anos, a Marmelinho sofreu ainda dois desmembramentos, visto que fundaram as aldeias Buriti e Nova.

Deste modo, as dissensões familiares são algo comum nos dois clãs. Neste sentido, famílias Yamaku que estavam na Aldeia Pedreira saíram e construíram em meados de 1991 a Paxiúba, enquanto outras fundaram a Kawapu.

Este é o retrato do processo de separação das aldeias Kaxarari, que, ao longo de décadas, tem-se fragmentado e adquirido novas reconfigurações, as quais na atualidade estão dispostas entre os clãs Kaibu (seis aldeias ao todo) e Yamaku (três aldeias ao todo). Muito provavelmente, haverá nos próximos anos o desmembramento e a formação de novas aldeias.

Impede-nos afirmar que o processo de separação e desmembramento das aldeias tenha sido realizado, em parte, num processo de expansão familiar, no interior de cada clã – a união e manutenção dos laços familiares clânicos persistem, ainda que existem relações interétnicas ou com não indígenas – ou se tratou de rupturas devido a divergências internas ou ainda se por influências da sociedade abrangente.

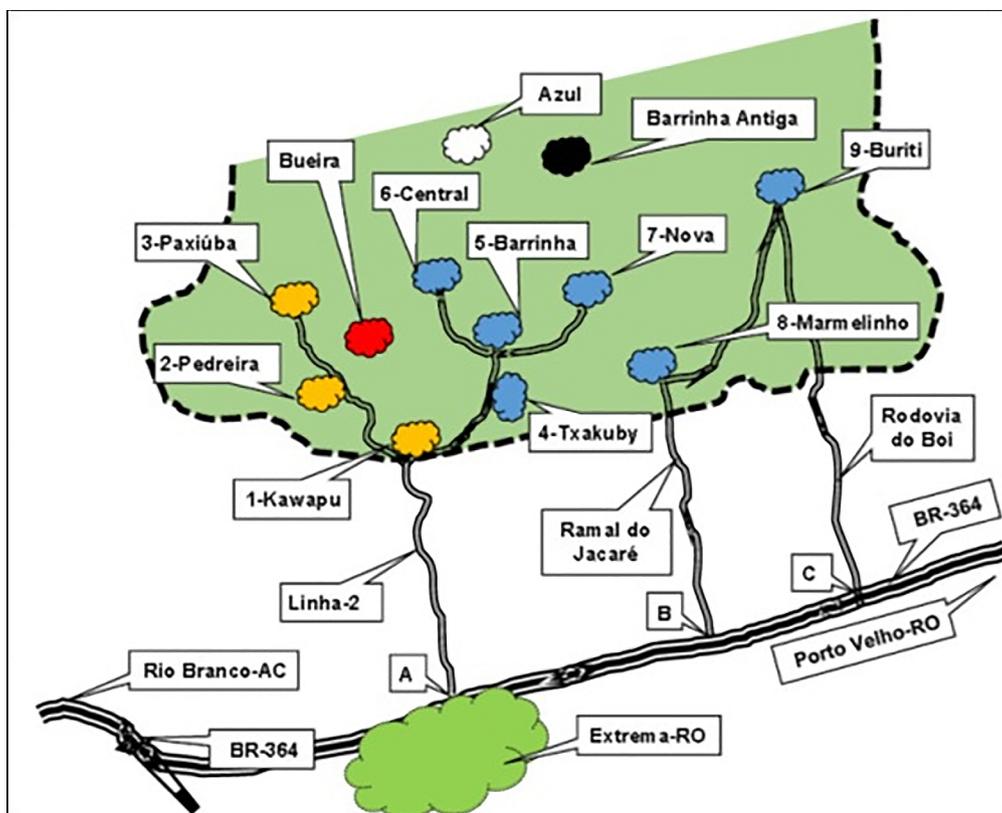
Em anos anteriores na TIK existiam as aldeias Azul e Barrinha Antiga, as quais servem como grande referência histórica e geográfica dos Kaxarari; elas são frequentemente visitadas pelo povo, até em função de nesses espaços estarem sepultados seus entes queridos, como Kaibu. Na Azul encontra-se ainda vestígios da primeira escola construída na TIK. O motivo de deixarem essas aldeias deve-se a vários fatos, dentre eles o surgimento de várias doenças e da dificuldade de acesso até as estradas e daí seguir para áreas urbanas.

Nos dias atuais são nove aldeias (Figura 3) distribuídas ao longo do território, onde todas estão situadas no estado de Rondônia, em virtude de melhor acesso até às áreas urbanas rondonienses e acreanas, assim compõe-se da Kawapu, Pedreira, Paxiúba, Txakuby, Barrinha, Central, Nova, Marmelinho e Buriti.

A Figura 3, no formato de croqui, dá a visualização de como estão dispostas essas aldeias no interior da TIK, assim como sua organização sócio espacial, o que dá dimensão tanto ao acesso entre elas, a partir da rodovia federal BR-364, por meio de três linhas ou estradas vicinais e/ou ramais, a saber: a Linha-02, o Ramal do Jacaré e a Rodovia do Boi, identificadas como pontos A, B e C.

A Aldeia Kawapu é a primeira que encontramos na entrada da TIK e é a mais próxima do entorno. Situa-se ao final da Linha-2 e está à uma distância de 23km do distrito de Extrema de Rondônia, a partir da intersecção da BR-364. Ao continuarmos por mais 05km está a Pedreira e 03km após chega-se à Paxiúba.

A Aldeia Kawapu é a primeira que encontramos na entrada da TIK e é a mais próxima do entorno. Situa-se ao final da Linha-2 e está à uma distância de 23km do distrito de Extrema de Rondônia, a partir da intersecção da BR-364. Ao continuarmos por mais 05km está a Pedreira e 03km após chega-se à Paxiúba.



Fonte: Informações do senhor Américo Kaxarari. Organ. por Nogueira (2019).

**Figura 3.** Croqui locacional das aldeias Kaxarari em 2019.

Da Kawapu, vira-se à direita da Linha-2, prossegue-se por um ramal ou estrada vicinal ou ramal, por 11km e chega à Txakuby, após esta, a uma distância de 03km encontra-se Barrinha, a qual está localizada à margem direita do rio Barrinha, que é afluente do rio Azul.

A partir da Barrinha o ramal possui uma bifurcação, ao seguirmos pela esquerda por 07km chegaremos à Central; pela direita, aproximadamente 10km estará a chamada aldeia Nova – seu nome deve-se em razão de ser uma das últimas que foi instalada na TIK.

A Nova localiza-se à margem direita do rio Azul, o qual possui grande vazão de água, de correnteza forte e parece ser bastante piscoso, pois se constata presença de muitos lambaris *Astyanax* e piabas *Leporinus Spix* e *Schizodon Agass*, o rio é também um balneário natural com beleza cênica, de modo que propicia momentos confortantes de lazer.

Para se chegar à aldeia Marmelinho, toma-se inicialmente a partir de Extrema em direção à Porto Velho pela BR-364, depois de aproximadamente 30km vira-se à esquerda no Ramal do Jacaré, percorre-se mais 26km até chegar à localidade. Ainda pelo mesmo ramal, percorre-se mais 45km e lá se encontra a aldeia Buriti, esta também pode ser acessada da seguinte maneira: após 20km do Ramal do Jacaré está a Rodovia do Boi, a qual nos levará diretamente à localidade, a qual está distante 62km da rodovia federal.

Salientamos que as duas aldeias Kaxarari mais isoladas e distantes das demais, tem a população descendente do clã Kaibu. Da aldeia Barrinha, onde foi realizado o evento I Encontro das Mulheres Kaxarari, a distância é de 93km para a Marmelinho e 149km para a Buriti, isso com a partida pela Rodovia do Boi, direto pela BR-364.

## Valores espirituais Kaxarari

Os valores espirituais dos Kaxarari no passado eram caracterizados como xamanismo, presentes na floresta, nos rios e no ar com seres divinos, com valores intrínsecos à cultura e eram manifestados nas festas (danças e músicas), rituais de pajelança e outros fenômenos e elementos que envolviam o povo. Ali se pintavam, se vestiam de palhas de buriti *Mauritia flexuosa*, se adornavam com penas de pássaros diversos, couro de animais, máscaras e artesanatos peculiares, com dentes e ossos de animais da floresta, que tinham sido caçados.

Tsurá é o Deus que cultuavam até recentemente, e será descrito na seção símbolos e representações simbólicas como um dos significativos para o povo Kaxarari. Antes da inserção da religiosidade cristã-ocidental, notadamente pelos evangélicos na cultura espiritual do povo, de acordo com o cacique Américo, os pedidos de fartura nas plantações, de chuva para os seus plantios, os animais que queriam caçar para comer, tudo isso era fácil, pois era só pedir e tudo acontecia. Tsurá dava, mas hoje em dia não acontece mais, nem adianta mais invocá-lo. Essa condição de não serem mais atendidos por Tsurá, para eles é como um castigo pela aceitação de outra espiritualidade, de outro Deus, o qual não conheciam antes do contato com os não indígenas.

Os Kaxarari não evangélicos ainda cultuam a memória de Tsurá, mas apenas em respeito ao que Ele representa espiritualmente, por isso são fiéis, mas sabem que a divindade está com raiva do povo, não atende mais aos seus pedidos, pelo fato que os demais escolheram outro Deus para seguir.

Essa minoria de não evangélicos corresponde aproximadamente 40% de todo o povo, se consideram cristãos católicos, apesar de não haver nenhuma visita de padres ou qualquer outro membro da Igreja Católica. Esses estão desgostosos com aqueles que se tornaram evangélicos, visto que nas suas percepções, todos perderam a ajuda e proteção de Tsurá. É um conflito sem brigas aparentes, mas que nada poder fazer, enquanto os evangélicos avançam na conquista de novos membros Kaxarari para suas denominações religiosas.

Não obstante, voltamos ao relato da espiritualidade do povo, apresentado pelo cacique Américo, o qual afirma que nos rituais xamânicos, usavam também outros elementos sagrados à cultura e que ofereciam a percepção de bem-estar, leveza, paz, harmonia e êxtase, tais como o rapé e o kupá, acompanhados de banhos, defumações<sup>12</sup>, cachimbadas, baforadas, pontos e chamadas espirituais<sup>13</sup>, cânticos, danças, dentre outros.

A defumação é sagrada e consagrada pelo mundo inteiro, em diversas religiões e rituais, desde os monges tibetanos até os padres católicos. A defumação serve para limpar cargas pesadas que se acumulam no nosso corpo astral, durante a nossa vida cotidiana, seja por pensamentos, frequência de ambientes carregados, ódios, rancores, invejas, preocupações, estresse, etc.

Assim como nas defumações a fumaça é um depurador e purificador das energias deletérias e cargas pesadas, ela é exalada pela boca e narinas de um cerimonialista, em transe com os seus guias espirituais.

Os antigos pajés ou xamãs realizavam suas práticas ritualísticas de cura, de modo que os indígenas doentes eram medicados naturalmente com plantas da floresta, por meio de chás, banhos, emplastos, infusões, soluções decoctivas, dentre outras. Nos casos de maior gravidade, esses eram avaliados pelo pajé que, sob efeitos do kupá, tinha poderes para identificar a enfermidade existente ou o espírito que o afligia.

É comum a possessão espiritual por “encosto”<sup>14</sup>, um “sanguessuga” que pode ser enviado por quem deseja o mal a outrem ou ser atraído pela negatividade da própria pessoa

– por ter amor, vontade e decisão próprias –, ou seja, faz tudo sob o domínio e submissão, assume culpa que não é sua, mesmo sob ofensas morais imerecidas e à sua dignidade, mesmo que isso pode lhe trazer consequências muito sérias, inclusive a sua morte.

O pajé Kaxarari, como líder, tinha pleno e total domínio sobre todo o seu povo. Seus conhecimentos de cura espiritual e das magias da floresta, eram provenientes das bênçãos de Tsurá. Com isso poderia realizar os mais distintos procedimentos de cura contra os males do corpo e do espírito.

Hoje não existe, conforme afirmam, nenhum pajé na TIK, ou seja, não contam com essa representatividade espiritual para dar sequência aos rituais de cura, conforme mencionado anteriormente por uma série de fatores internos e externos, de modo que os mais idosos consideram que há uma fragilidade espiritual na proteção dos moradores e de seu território.

Alguns indígenas mais novos se arvoram em dizer que o seu pai ou tio é o pajé da sua aldeia, apenas pelo fato de terem pretendido ou terem sido iniciado nesse ofício, ou por terem ainda em sua posse e poder algum instrumento de pajelança, relíquia de seus ancestrais que exerceram tal dom, ou ainda por ser um cristão fervoroso ou praticante de religiões dos não indígenas, especialmente a evangélica, que oram pelos demais da TIK.

O senhor Vitorino, da Aldeia Pedreira, é considerado o “pastor” para a maioria de seu povo, especialmente do clã Yamaku, por ser o mais fervoroso e praticante evangélico dentre eles. Foi ele quem fez a abertura e encerramento do I Encontro das Mulheres Kaxarari, proferiu orações arrebatadoras evangélicas, nos moldes propagados pela Igreja Assembleia de Deus.

Ao dialogarmos com o senhor Vitorino indagamos se era evangélico e há quanto tempo tinha se convertido, e se tornará um exímio orador na transmissão da palavra de Deus. Ele, simplesmente respondeu com uma afirmação indagativa, simples e direta: “quem disse que eu sou evangélico!?”. Alguns Kaxarari que não são evangélicos, se dizem católicos, mesmo sem qualquer visita de padres ou contato com a Igreja Católica.

No seu íntimo, percebemos que o senhor Vitorino guarda em sua memória fragmentos da espiritualidade indígena, praticadas pelos seus ancestrais, os últimos pajés, mas ele não tem como resgatar tais práticas, as quais foram perdidas e/ou substituídas pela religiosidade externa, a evangélica, de modo que exerce de coração, pois sabe que se reporta a Deus, mas não é como gostaria, do jeito que nasceu, cresceu e viveu parte de sua vida, quando havia Kumã, Kaibu e Yamaku com seus rituais.

Em relatos dos senhores Vitorino e Américo, estes afirmam que alguns pastores tocaram fogo pessoalmente nos adereços que alguns caciques guardavam os aparatos ferramentais dos pajés – então ficaram reféns do ponto de vista de sua religião praticada nas aldeias. Esses pastores diziam que os pajés não temiam a Deus, cultuavam outros deuses, os quais não eram do bem, mas sim o bicho feio, e assim influenciaram aos poucos, seus conceitos religiosos em várias das aldeias Kaxarari.

Algumas lideranças informaram que, há muitos anos, quando do contato, alguns pastores evangélicos foram muito duros e incisivos quanto à cultura Kaxarari, de modo que orientaram o povo a abandonar todos os rituais; a preservação do que restou é muito insubstancial e precária. Com essas ações, foram eliminadas a cultura sagrada e espiritual do povo.

A maioria das aldeias Kaibu não aceitou a construção de templos evangélicos em sua área residencial (Tabela 1), entretanto, as do clã Yamaku permitiu a edificação de espaços religiosos, onde se predomina os conceitos de valores distintos daqueles vividos pelos seus antepassados.

Tabela 1. Igrejas e seus adeptos na TIK

Clã	Seq	Aldeia	Igreja Construída	Fam.	Pes.
Kaibu	1	Barrinha	Nenhuma	8	37
	2	Txakuby	Nenhuma	9	50
	3	Central	Nenhuma	3	27
	4	Nova	Assembleia de Deus	8	35
	5	Marmelinho	Assembleia de Deus	15	69
	6	Buriti	Assembleia de Deus	15	75
Total – Kaibu				<b>58</b>	<b>293</b>
Cristã evangélica				<b>179</b>	<b>61,09%</b>
Cristã Católica				<b>114</b>	<b>38,91%</b>
Yamaku	7	Pedreira	Assembleia de Deus	36	125
	8	Paxiúba	Assembleia de Deus	20	80
	9	Kawapu	Nenhuma	33	122
Total – Yamaku				<b>89</b>	<b>327</b>
Cristã evangélica				<b>205</b>	<b>62,69%</b>
Cristã católica				<b>122</b>	<b>37,31%</b>
<b>Total da Etnia</b>				<b>147</b>	<b>620</b>
Cristã Evangélica				<b>384</b>	<b>61,94%</b>
Cristã Católica				<b>236</b>	<b>38,06%</b>

Fonte: Atividade de campo. Organ. por Nogueira (2019).

Na Tabela 1 é constatado como os clãs, Kaibu e Yamaku se territorializaram em termos de filiação religiosa. A maioria dos moradores são cristãos evangélicos, com mais de 60% da população de cada clã, o que indica a ação evangelizadora passou a ser hegemônica entre os Kaxarari nos dias atuais, com isso os moradores frequentam regularmente igrejas em suas próprias aldeias.

Assim, em algumas aldeias tem-se os templos que congregam o povo, enquanto em outras são permitidas apenas o ingresso do pastor nas instalações da aldeia, apenas para realizar os seus cultos, nos dias combinados, normalmente no espaço da escola.

### Denominação e origem da etnia

Quanto ao nome da etnia, a palavra ao que tudo indica, seja um nome cunhado pelos próprios indígenas, e os clãs compõem o povo, conforme explanação dos sabedores e sabedoras, na apresentação final do evento I Encontro das Mulheres Kaxarari.

No entanto, ressaltamos que é indispensável o aprofundamento de pesquisa para que se chegue a origem e ao significado do nome, inclusive do ponto de vista etimológico e epistemológico, pois, mesmo dentre os caciques com os quais dialogamos, nenhum deles teve a firmeza para responder claramente sobre a origem da denominação que identifica tal povo.

Todavia, como não temos nenhuma história oficial, nem oficiosa, sobre os Kaxarari para que possamos afirmar alguns dados com precisão dessa população indígena, mas

o nome da etnia já foi usado também com outras grafias como: Cacharari, Caxarary, Kacharari. Hoje o nome preservado e aceito por eles é Kaxarari, com “K”, “X” e “I”.

Pelos relatos do senhor Américo, seu povo já habitou a região próxima à cidade de Lábrea, no Amazonas, mas se deslocaram por algum motivo ou necessidade em direção ao Acre. No início do século passado, ocupavam parte do Acre, Rondônia e Amazonas, mas sem precisar a origem de seu povo, ou seja, quais seriam os primeiros indígenas Kaxarari. Para sabermos disso, vemos que é necessário, aprofundarmos e compreendermos as narrativas míticas relacionadas à sua cosmogonia, visto que nela é possível que se encontre a gênese do povo.

Algumas pistas podem ser encontradas ao relacionarmos que o povo afirma que teve origem a partir de animais como a onça, o papagaio, o jabuti, a cobra, o tamanduá, dentre outros, os quais constituem o universo simbólico e representacional Kaxarari, como formadores das linhagens familiares. Cada animal representa simbolicamente uma linhagem de família, fato que aceitamos como narrativas de seus valores culturais.

### Língua materna Kaxarari

Os Kaxarari têm a língua materna de mesmo nome e pertencem à família linguística Pano, a qual integra os Kaxinawá, Yawanawá, Shawanawá (ou Shawadawã), Shanenawá, Jaminawá, Marubo, Shipibo, dentre outros, que habitam o Brasil, a Bolívia e o Peru, na Pan-Amazônia.

Para além da língua materna, também são fluentes no idioma português. O contato e o convívio com o não indígena, fez com que sua língua quase que fosse substituída por esse segundo recurso de linguagem, razão pela qual o português é o mais utilizado no cotidiano das aldeias.

Os mais idosos dialogam entre si na língua materna, enquanto os mais jovens exercem o português com maior fluência. As crianças, por sua vez, falam e entendem o português, e pouco entendem a língua Kaxarari, por ouvirem seus parentes conversar em casa, mas não conseguem falar o idioma originário.

Apesar de falar o português, alguns Kaxarari adultos não leem ou escrevem em português. Os mais idosos possuem alto grau de dificuldade em compreender a língua oficial nacional, fato que necessita ser explicado seguidas vezes para que possam estabelecer determinada conversação convencional. É um claro processo de erosão linguística, mas somente eles podem ou não preservar a língua originária como seu patrimônio cultural, portanto, existe a necessidade das escolas e dos sabedores em promovê-la e valorizá-la como tal.

### SÍMBOLOS E REPRESENTAÇÕES SIMBÓLICAS

Conforme apontado pelo senhor Américo, na estrutura cultural, espiritual e social de seu povo Kaxarari existem representações simbólicas que, embora, as práticas não sejam exercitadas atualmente se fazem presentes memorialmente, tais como: o xamanismo, objetos guardados e utilizados pelos antigos pajés.

Esses símbolos e suas representações guardam a história dos Kaxarari e estão relacionados aos lugares, elementos, fenômenos, objetos, rituais, valores espirituais e culturais, de modo que se caracterizam como “marcadores territoriais” expressivos. A disposição desses não se dá por ordem hierárquica de relevância, mas como explicação didática. Neste sentido, afirma o senhor Américo, que:

O **primeiro** fenômeno/elemento mais importante para os Kaxarari é **Tsurá**, o Deus que o povo Kaxarari cultuava até recentemente, antes do contato com o homem urbano, os

não indígenas. Mas agora, devido a maioria do povo ser evangélico, Tsurá não é mais tão reverenciado e até está zangado com aquele povo, a quem deixou de proteger, ajudar e atender aos pedidos, segundo o cacique Américo Kaxarari, por terem escolhido outro Deus para seguir.

Apenas os Kaxarari não evangélicos, correspondente a 40% da etnia, ainda são fiéis e cultuam a memória de Tsurá, em respeito ao que Ele representa espiritualmente, ainda que saibam que não têm mais a sua bênção e proteção, e se consideram católicos.

O **segundo** fenômeno/elemento, muito importante para os Kaxarari é o **casamento**, que tem uma representação simbólica muito especial, pois a família é como uma árvore frondosa plantada, cultivada e que dá bons frutos – os filhos que crescem, casam e terão filhos, com isso perpetua-se o povo e seus clãs;

O **terceiro** e mais reverenciado para eles é o **kupá**, um fruto da árvore de mesmo nome, a qual possui propriedade enteógena<sup>15</sup> e propicia a expansão da consciência, quando absorvido pelo organismo humano. É a árvore, do fruto, da solução e, principalmente, do ritual xamânico que era utilizado aproximadamente 25 anos decorridos por Yamaku, último pajé Kaxarari.

O Kupá nos rituais xamânico proporcionava poderes espirituais para ter visões, mediante expansão da consciência e da visão espiritual, inclusive até para perceber enfermidades contraídas pelos indígenas e/ou espíritos obsessores que afligissem pessoas – caso se tratasse de uma possessão espiritual – e, assim, poderia indicar o melhor remédio para esses males, de modo, a reduzir ou acabar com o sofrimento físico e espiritual daqueles que fossem acometidos desses problemas.

O kupá é uma espécie de solução, como um chá. Sua obtenção se dava da seguinte maneira: o fruto da árvore é torrado e moído, similar ao café, depois é fervido e obtêm-se o produto por meio de decocção, então era utilizado somente por homens adultos para que assim se conectasse com a espiritualidade e os seres espirituais que habitavam o universo cósmico de cada pajé.

A utilização se dava por um procedimento rudimentar de introdução de líquidos pelo ânus, como uma lavagem intestinal, ou seja, mediante aplicação tópica da solução, via anal, para absorção e metabolização através do intestino.

A mucosa anal é a mais rápida fonte de absorção e metabolização de substâncias ou componentes químicos pelo organismo humano e, talvez por isso, seja o motivo de uso do ritual do kupá por enema – via anal. Caso fosse absorvido oralmente, talvez o seu estômago não conseguisse metabolizar com a mesma eficácia, com isso geraria um efeito rápido e de alta conexão espiritual e elevado poder xamânico. A ingestão oral poderia até mesmo causar uma rejeição da solução pelo estômago, além de vômito ou qualquer outra reação.

O senhor Américo afirma que o efeito do uso do kupá durava em média até 12 horas, e dependia da situação de êxtase, pois, quando era necessário, se a pessoa necessitasse por algum motivo sair do “transe”, o pajé cortava o efeito de imediato, com um simples sopro de baforada de tabaco.

O **quarto** é o **rapé**, que é um pó natural, composto de folhas do tabaco, casca de cacau e ervas aromáticas, os quais são torrados e moídos juntos, com isso forma um pó utilizado por aspiração ou inoculação nasal nos rituais de pajelança, para uma expansão da consciência e conexão com a espiritualidade.

A mucosa nasal é a segunda melhor e também mais rápida fonte de absorção e metabolização do organismo humano, motivo pelo qual a aspiração ou inoculação substâncias que contenham elementos enteogênicos ou químicos agem mais rapidamente no organismo humano, com resultado mais eficazes para os objetivos a que se pretenda com o uso da substância.

No passado o rapé era utilizado pelos nossos avós, como um remédio, unicamente como um descongestionante nasal, potente e poderoso contra dores de cabeça e mal-estar. Nos dias atuais possui outros fins além do medicinal, isto é, utilizado individualmente ou em grupo, em rituais espirituais ou não, atividades psicodélicas ou relaxantes.

Diferentemente do uso que os indígenas fazem do rapé, é comum nos dias atuais, a presença de misturas diversas e estranhas, como cinza, cocaína, maconha, dentre outros produtos que são prejudiciais à saúde, os quais são utilizados por dependentes químicos e outras pessoas que querem experimentar seus efeitos desses coquetéis, até mesmo para esquecer de seus problemas existenciais.

O **quinto** é o **hustahi**, um remédio das matas, que é um “fortificante” para a saúde feminina, pois restabelece o vigor e é usado somente no pós-parto, para fazer a limpeza do organismo e faz com que a mulher até engorde, de acordo com os caciques Américo e Miguel, da Aldeia Nova. Esse remédio é um laxante natural, cujo resultado é semelhante à “aguardente alemã”<sup>16</sup>.

É obtido a partir da raspagem da casca da árvore de mesmo nome, cujo pó é colocado de molho na água no final da tarde, para extração dos princípios ativos da planta – medicamentosos e alimentícios – e, administrado rigorosamente, como tradição ancestral, às 4 horas da manhã, ocasião em que é coada e ingerida ao amanhecer, com o estômago vazio e propício à metabolização da solução, assim, causa reação energética potencial.

O **sexto** corresponde aos **túmulos de Kaibu** e **Yamaku** considerados lugares sagrado e de muito respeito para as famílias desses clãs. O respeito é grande, como se verificou no caso de Kaibu, em que o cacique Américo não foi nem visitar a Aldeia Azul e nem o túmulo de seu pai, conforme anteriormente descrito.

O **sétimo** é a antiga **Aldeia Azul**, um lugar sagrado e de muito respeito para as famílias Kaibu. O cacique Américo abordou com muito carinho, saudosismo e amor de seu pai Kaibu e assim não visita aquele local apenas por obediência a ele, para atender um dos seus últimos pedidos e aconselhamentos.

O **oitavo** é a **Pedreira**, um lugar considerado sagrado, visto que ali há um significado simbólico e de muito respeito, pois era um barreiro de papagaios, animais também considerados seres espirituais pelos Kaxarari.

Assim como alguns animais são sagrados para os Kaxarari, a pedra tem um significado e uma representação simbólica para sua espiritualidade, pois ela representa a criação de uma das linhagens clônicas, ela foi a responsável em originar algumas pessoas Kaxarari, de acordo com o relato do senhor Américo, que, no entanto, não ofereceu maiores detalhes de como isso ocorreu.

O **nono** são os **cemitérios** considerados lugares de grande relevância espiritual, em função de guardar os restos mortais de seus ancestrais, seus entes queridos. Eles não visitam com frequência esses espaços, mas acendem velas nas épocas devidas, fazem suas orações para os espíritos dos seus mortos, ou seja, com isso mantêm vivas as memórias daqueles que formaram e perpetuaram o povo.

O **décimo** eram as **pajelanças**, consideradas rituais de espiritualidade e proteção, e de acordo com seus relatos, na atualidade existe somente como memórias.

O **décimo primeiro** eram as **danças culturais** realizadas sistematicamente, mas que na atualidade, apenas parte delas, são feitas em momentos específicos, com a entoação de músicas em língua materna. Durante o I Encontro das Mulheres Kaxarari em dois momentos foram apresentadas à noite em volta de uma fogueira. Há um desejo do povo em restaurar e valorizar músicas e danças originárias, pois entendem como necessárias à continuidade da cultura.

O **décimo segundo** é a **caçuma**, considerada como uma de suas tradições, é usada nos eventos culturais e religiosos do Kaxarari, juntamente com danças e outras atividades culturais. A caçuma também remete à espiritualidade, visto que nos rituais de pajelanças era um elemento presente.

Trata-se de uma bebida natural fermentada e produzida a partir da macaxeira cozida. O preparo é deixá-la de molho na água por uns dias para fermentar, depois é amassada manualmente, coada, temperada e servida. Não apresenta teor alcoólico, todavia, se passar do ponto de fermentação ideal, ela passa a possuir teor etílico.

O **décimo terceiro** é a **chicha**, usada nos eventos culturais e espirituais como as danças, momentos culturais, e no passado em rituais de pajelanças. O processo de preparação é semelhante ao da caçuma, entretanto, o ingrediente é o milho verde cozido, que também pode apresentar teor alcoólico, caso supere o tempo ideal de fermentação.

O **décimo quarto** é a **Terra Indígena Kaxarari**, pois é o lugar de nascimento, de crescimento, de vivência, de pertencimento, de caça e pesca e demais atividades que possibilitam seu espaço de ação, ainda que repleto de dificuldades, de superação frente às realidades existentes. Em síntese, é seu lar, é seu lugar, é seu porto seguro, é sua natureza, é seu solo, é a razão de sua existência.

O **décimo quinto** são alguns animais da floresta, como a **onça, o papagaio, o jabuti, a cobra, o tamanduá, dentre outros**, os quais representam a criação de cada uma das linhagens Kaxarari. No imaginário do povo, são eles que deram origem à existência de todo o povo, por isso reflete a visão de suas origens, e cada animal tem seu significado e simboliza uma força da natureza. Neste sentido, cada pessoa se identifica a uma representação específica, de maneira que entende “determinado animal como se fosse seu pai de sangue”, com isso sente que pertence àquela linhagem, em que cultua como seu parente, seu criador.

O **décimo sexto** é o **resguardo do primogênito**, um ritual para cumprir a tradição sagrada que consistia no resguardo do filho primogênito. Era cumprido pelos homens, pai do recém-nascido e consistia em seu recolhimento na maloca por três dias seguidos, sem sair ou ver a luz do sol, sem comer nada, nem beber água, deitado com a cabeça virada e fixa para o mesmo lugar, caso descumprisse isso representaria riscos para a saúde da criança.

No final do último dia do recolhimento, o pai saía da maloca, se dirigia direto ao rio, dava três mergulhos, voltava para a moradia e comia três castanhas-do-brasil, enfileiradas individualmente, depois bebia um litro de chá de um cipó, tão amargo quanto à quinaquina *Coutarea hexandra*.

O pai ainda no final do ritual, esperava um pouco, aí a ânsia de vômito vinha. Se a regurgitação corresse reta, o filho teria vida longa, caso contrário, logo morreria. O cipó cortado para o chá também era avaliado depois, se brotasse e crescesse, o pai que fez o ritual teria vida longa.

Hoje em dia, esse ritual não é mais realizado, pois essa variável cultural foi abandonada, a partir da colonização e o convívio com os não indígenas e outras representações e sentidos foram incorporados, o que se consubstancia como hibridização.

O **décimo sétimo** é o **resguardo da menstruação**, que consistia no resguardo da menina-moça quando menstruava pela primeira vez, e estaria apta ao casamento e pronta para a procriação, ou seja, passava assumir sua plenitude como mulher, assim como para a vida sexual ativa.

A menina-moça ficava recolhida na maloca por cinco dias seguidos, sem sair ou ver a luz do sol, nem beber água, comia apenas mingau de milho e milho, deitada com

a cabeça virada três dias para uma direção e mais dois para o outro lado contrário, se descumprisse isso, sua saúde correria sérios riscos.

No final do último dia, saía da maloca, se dirigia direto para o rio, ali dava três mergulhos e voltava para a moradia. Como parte do ritual espiritual para garantir uma boa saúde feminina às mulheres, no caminho para o rio e depois do resguardo por um período de seis dias, a moça deveria coçar a sua barriga com uma palha de patauá *Oenocarpus bataua*, para evitar que formasse estrias quando engravidasse. Hoje em dia, esse ritual não é mais realizado pelos Kaxarari, devido a fatores de influência externa.

O décimo oitavo é a **língua e as reminiscências memoriais e culturais**, é de grande relevância, pois são essas que (re)afirmam as representações identitárias do povo Kaxarari.

### **Casamento Kaxarari**

Na organização familiar Kaxarari, o casamento era uma união prometida desde muito jovens, às vezes, até quando crianças, mas uma promessa que se cumpria à risca, sem perigo de não dar certo, pois, como uma união sagrada, tudo era respeitado para esse povo.

A menina se casava muito nova, entre 10 e 12 anos. Na afirmativa do senhor Américo Kaxarari a motivação era um desígnio das ancestralidades culturais sagradas de seu povo, isto é, se a menina-moça tivesse sonhos eróticos e engravidasse no sonho, teria o seu aparelho reprodutor afetado e poderia adoecer, inclusive até de não poder mais ter filhos, o que seria um risco ter uma mulher que não procriaria na aldeia. Assim, casava muito nova para não correr o risco desse presságio.

Então para não correr o risco de perder uma indígena com a capacidade de procriação, ela era orientada pelo pajé a se casar muito jovem, a fim de evitar de sofrer as consequências de sonhos eróticos, acompanhados também de poluição noturna – comuns aos homens, mas também ocorre às mulheres.

Já os jovens masculinos, poderiam ter sonhos eróticos e, se fossem com mulher a engravidar, o espírito daquele filho do sonho viria buscar o pai – devido a saudades, com isso o genitor morreria, em decorrência de sua cobrança, visto que havia gerado o filho durante o sonho.

Assim, do mesmo modo que as moças jovens eram orientadas pelos pajés, estes também aconselhavam os moços a se casarem, para evitar que tivessem sonhos eróticos e, então, corresse o risco perder o guerreiro, que fatalmente morreria se engravidassem alguma mulher, conforme mencionado anteriormente.

Todavia, nos dias atuais o casamento nas aldeias Kaxarari ocorrem naturalmente como acontecem com o não indígena, isto é, não existe mais a promessa, de modo que os nubentes é que se conhecem, se gostam, se casam, convivem e constituem suas famílias e até se separam. Casam-se com homens e mulheres não indígenas. Não tem mais a promessa, visto que toda essa cultura foi desconstruída pela influência da religiosidade evangélica, conforme atesta o senhor Américo Kaxarari.

É necessário, no entanto, destacar que o casamento tem uma simbologia muito grande para os Kaxarari, visto que representa uma árvore (união sólida), que é plantada, cultivada e dará frutos (os filhos), que também crescerão e perpetuarão o clã de seus pais e de seu povo.

## VISITA À ALDEIA AZUL E O TÚMULO DE KAIBU

A curiosidade de alguns pesquisadores da Universidade Federal de Rondônia – UNIR para visitar a Aldeia Azul deu-se pela representação simbólica, geográfica e histórica da localidade, visto que nela habitou o cacique e pajé Kaibu. Sua importância é por ser o berço de dois terços das aldeias Kaxarari, além de ser ali que está sepultado o antigo líder, dentro dos rituais de seu povo.

O cacique Américo, filho de Kaibu, deveria acompanhar os pesquisadores na visita. Cecilia (Tchanta) que insistiu muito que seu irmão fosse, pois seria uma oportunidade de rever a aldeia em que esse nascera, todavia, ele ficou reticente, talvez pela idade avançada, dores no corpo, indisposição e cansaço. Ambos resolveram não ir até a Azul.

Em contrapartida, para comandar a missão foi designado o senhor Jorge Pinheiro Costa Kaxarari que é um agente indígena de saúde (AIS) na Aldeia Central, o qual conduziu por todo trajeto. Assim, apresentou o local da antiga aldeia, bem como o túmulo e a primeira escola formal e apontou que ali perto ficava uma pista de avião que dava suporte à saúde indígena, no tempo que a TIK foi demarcada.

Para chegar na Aldeia Azul, percorremos com veículo aproximadamente 10km a partir da Barrinha, e depois uma caminhada de cerca de 05km em trilhas apagadas pelo desuso, repletas de madeiras, palheiras e árvores caídas em direções diversas no meio do caminho, o que nos obrigava a desviar, ou passar por cima ou por debaixo em todo o trajeto.

Mediante essa situação, entendemos porque não seria possível o senhor Américo caminhar até a Aldeia Azul e ao túmulo de Kaibu, pois haviam muitos espinhos, unha-de-gato *Uncaria tomentosa*, formigas, marimbondos diversos, tocos, pedras incrustadas no chão, de modo a propiciar topadas e quedas. Foi muito difícil alcançarmos a localidade, todavia, foi compensador ao vermos a rica biodiversidade de plantas e animais, sobretudo os cantares de pássaros, o que nos deu sensação de paz e tranquilidade naquele ambiente florestado e pleno de representações e significados para os Kaxarari.

Depois de visitar a localidade e o túmulo, fomos até às margens do rio Azul, o qual passa aproximadamente 100 metros da antiga aldeia. Nele tomamos um banho, as águas estavam turvas devido à chuva ocorrida na noite anterior, mas aparentemente pura. Assim, parecia mais um igarapé, por ter pouca água, visto que reflete o barramento feito há vários anos pela Construtora Mendes Júnior e que fora motivo dos vários conflitos entre a empresa e os Kaxarari.

Posteriormente, entendemos a motivação da não ida do senhor Américo à localidade. Ele reafirmou que não poderia desobedecer as solicitações que Kaibu fizera antes de falecer que a Aldeia Azul é sagrada, de respeito e de obediência, com isso não violou o terceiro pedido de seu pai, ou seja, que não voltasse naquele por alguns anos.

## POPULAÇÃO KAXARARI NOS DIAS ATUAIS

Ao dialogarmos com as lideranças de todas as nove aldeias podemos constatar que a etnia Kaxarari tem uma população de 620 indígenas, organizada em famílias, pessoas e lideranças por aldeia e aldeias agrupadas por clãs. Em termos populacionais, a Pedreira é que conta com o maior contingente (125 pessoas), seguida da Kawapu (122) e da Paxiúba (80), a menor delas é a Central (27), conforme dados apresentados na Tabela 2, a seguir.

**Tabela 2.** Famílias e População Kaxarari, por Aldeia/Clã e lideranças.

Clã	Seq	Fam.	Pes.	Aldeia	Liderança/Vice-Liderança
Kaibu	1	8	37	Barrinha	Américo Costa Kaxarari ( <b>Manu</b> )/Maria das Graças Martins Kaxarari
	2	9	50	Txakuby	Paulo Alves Costa Kaxarari/Antônia Bessa Pinheiro Kaxarari
	3	3	27	Central	Ivaneide Saide de Souza Kaxarari (Porexá)/Jorge Pinheiro Costa Kaxarari
	4	8	35	Nova	Miguel Alves Costa Kaxarari/Maria Costa Kaxarari
	5	15	69	Marmelinho	Domingos Martins Kaxarari/Rita Alves Costa Kaxarari
	6	15	75	Buriti	Manoel Monteiro Mariano Kaxinauá ( <b>Maru</b> )/Raimunda Martins Costa Kaxarari (Nauaria Koiké)
<b>Total - Kaibu</b>		<b>58</b>	<b>293</b>		
Yamaku	7	36	125	Pedreira	Marizina César Kaxarari (Ynaipá)/Joabe (Negão) Kaxarari
	8	20	80	Paxiúba	Lucilene Souza da Silva Kaxarari/Franco César Kaxarari
	9	33	122	Kawapu	José César Kaxarari ( <b>Mayá</b> )/João Souza da Silva Kaxarari(Rixá)
<b>Total - Yamaku</b>		<b>89</b>	<b>327</b>		
Total Etnia		147	620		

Fonte: Atividade de campo. Organ. por Nogueira (2019).

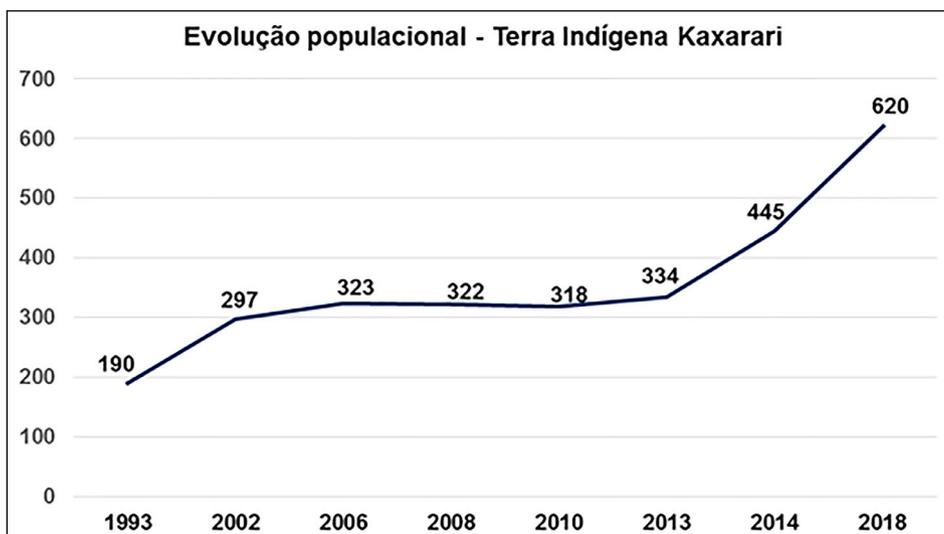
O clã Kaibu possui a maior quantidade de aldeias, todavia o número de famílias e pessoas é inferior ao que se constata no clã Yamaku. Um dado interessante é que no primeiro clã a média é de 5,05 pessoas/famílias, enquanto no segundo é de 3,67. Os dados da Tabela 3 demonstram o quantitativo de pessoas, famílias por origem clânica e servem para se compreender o universo populacional Kaxarari verificado em novembro de 2018.

**Tabela 3.** Aldeias, Famílias e População Kaxarari, por Clã

Clã	Aldeia	%	Fam.	%	Pes.	%
Kaibu	6	66,7	58	39,5	293	47,3
Yamaku	3	33,3	89	60,5	327	52,7
Total Etnia	9	100,0	147	100,0	620	100,0

Fonte: Atividade de campo. Organ. por Nogueira (2019).

Os dados indicam que num período de 25 anos, a contar de 1993 (Figura 4) a população Kaxarari mais que triplicou, possivelmente em função da ação do Estado com algumas ações de saúde, principalmente, no que se refere a campanhas de vacinação, além da própria regularização da TIK pode ter contribuído para isso.



Fonte: Funai-Rio Branco (1993 e 2002); Funasa (2006); Siasi/Funasa (2008 e 2010); Siasi/Sesai (2013 e 2014) disponibilizado em <https://terrasindigenas.org.br/pt-br>. Organ. por Nogueira (2018).

**Figura 4.** Evolução populacional – Terra Indígena Kaxarari.

Todavia, pelas narrativas do cacique Américo Kaxarari, percebe-se que o quantitativo atual está muito distante daquele existente no início do século passado em que se estimava em aproximadamente 2.000 pessoas.

### Representações políticas Kaxarari

Na avaliação de um dos representantes, ele considera que o nível de entrosamento entre os clãs Kaibu e Yamaku, não é dos melhores, tanto que existem cinco associações e organizações de defesa dos interesses e direitos sociais do povo Kaxarari (Quadro 1). Essas entidades encontram-se em fases jurídicas e de atuação distintas, isto é, umas legalizadas e outras em processo de legalização, o que reflete a dificuldade de gestão, inclusive pelo maior envolvimento dos associados.

**Quadro 1.** Organizações representativas Kaxarari

Clã	Aldeia que defende	Organizações
Kaibu	Todas Kaibu	OFIKK – Organização da Família Indígena Kaibu Kaxarari
Yamaku	Kawapu	AKCIK – Associação dos Kaxarari da Comunidade Indígena Kawapu
	Pedreira	ACIKP – Assoc. da Comunidade Ind. Kaxarari da Pedreira
Povo Kaxarari	Todas	ACIK – Associação das Comunidades Indígenas Kaxarari

Fonte: Atividade de campo. Organ. por Nogueira (2018).

Todas as organizações possuem objetivo geral semelhante, o qual consiste na defesa de interesses pessoais e sociais dos indígenas Kaxarari, em conformidade com sua área geográfica de atuação. Assim, temos: a) **Organização da Família Indígena Kaibu Kaxarari (OFIKK)**,

voltada a todos os indígenas do clã Kaibu, que corresponde 66,7% do total das aldeias Kaxarari, com 58 famílias (39,5%) e 293 pessoas (47,3%). Presidida por Edson Costa da Silva Kaxarari; b) **Associação dos Kaxarari da Comunidade Indígena Kawapu (AKCIK)**, criada em 26-06-2015, tem como presidente é João Souza da Silva Kaxarari; c) **Associação da Comunidade Indígena Kaxarari da Pedreira (ACIKP)**, constituída em 10-11-2015. O presidente é Edmilson Oro Waram Xijein; d) **Associação das Comunidades Indígenas Kaxarari (ACIK)**, instalada no distrito de Extrema, tem como presidente o indígena Cosmo Ambrósio da Silva.

Outra constatação que encontramos, de acordo com o afirmado pelas lideranças da Associação dos Kaxarari da Comunidade Indígena Kawapu (AKCIK), é que sua coletividade realiza no primeiro sábado de cada mês uma reunião para tratar das problemáticas existentes, buscar soluções e realizar projetos que possam contribuir na salvaguarda territorial e melhoria da qualidade de vida da população. Das demais entidades não obtivemos informações quanto a seu funcionamento.

Em nosso campo constatamos ainda que a Aldeia Pedreira, com sua associação ACIKP, é a única com veículo próprio para uso exclusivo daquela localidade, o que facilita a locomoção das pessoas para as áreas urbanas afim de resolver questões relacionadas à saúde, aquisição de mercadorias, além de outras atividades. Nas demais aldeias a população para se deslocar contam com carroças de tração animal, bicicletas e motocicletas, o que nem sempre se traduz em um meio de transporte eficaz e confortável.

Para além das entidades mencionadas, Cleiciana Costa César Kaxarari – de descendência de Yamaku e esposa Edson Costa da Silva Kaxarari, do clã Kaibu, é a representante das mulheres na OFIKK, com isso tem o respaldo do clã de seu marido. Ela tem lutado para criar uma associação institucional, exclusivamente de mulheres, com CNPJ e outros dados necessários para respaldar e legitimar as ações femininas.

Na perspectiva de Cleiciana, que inclusive idealizou e foi principal organizadora do I Encontro das Mulheres Kaxarari, a constituição da associação voltada ao público feminino indígena deverá ocorrer em breve. Com isso poderá colocar em prática as ideias e demandas das mulheres, por meio de projetos que possam melhorar suas vidas, de suas famílias e conseqüentemente do próprio povo. O evento foi visto como uma oportunidade, especialmente, de cunho político de empoderamento feminino, na luta pelos seus direitos e protagonismo no interior e fora da TIK.

Como primeira experiência, quase todas as aldeias participaram desse Encontro e foi favorecida pela relativa proximidade geográfica das localidades habitadas pelos Kaxarari. Somente a Kawapu não participou, vez que afirma o não recebimento de convite. Para os indígenas, os alunos de graduação e pós-graduação em Geografia da UNIR ativamente contribuíram em várias das atividades com palestras, oficinas e as mais diversas orientações.

É importante ressaltar que por algumas horas, ainda que de modo passageiro e informal, o senhor Ari Ferreira Simão Kaxarari (Wayamá), um dos líderes da Kawapu, representante de várias organizações indígenas pelo Brasil, esteve presente no local do evento, com o objetivo de apenas se informar e ter noção do que ocorria no mencionado Encontro.

Essa informação foi obtida junto ao próprio Wayamá, no momento que voltávamos para o distrito de Extrema, uma vez que a Kawapu é a primeira aldeia na entrada da TIK, a qual situa-se a 14km da Barrinha. Ali paramos para fazer registro fotográfico da arquitetura de uma maloca existente, que possui um estilo diferenciado e de grande beleza original do modo de construir Kaxarari, bem como para um diálogo de meia hora com as lideranças locais como o senhor Wayamá e José César Kaxarari (Mayá), os quais nos convidaram para reuniões e interlocuções em outras oportunidades que estivermos na TIK.

## Infraestruturas de moradia, saúde e saneamento e educação Kaxarari

Os Kaxarari, na atualidade, habitam em residências similares às da sociedade envolvente, as quais são feitas em madeira e a maioria delas cobertas com telhas de fibrocimento e umas poucas com telhas de barro.

Com isso, não se existem malocas, palhoças, tapiris, casas de pau-a-pique/taipa e cabanas, que eram cobertas com palha paxiúba *Socratea exorrhiza* ou babaçu *Attalea speciosa* ou de sapé *Imperata brasiliensis*. A única estrutura que percebemos foi na Aldeia Kawapu com a maloca construída no modelo arquitetônico ancestral, porém com piso de cimento queimado. A não existência de construções como ocorrera no passado não significa que os Kaxarari deixaram de ser indígenas, e sim que incorporaram outros valores representativos que entendem como necessários à sua qualidade de vida.

Basicamente, todas as aldeias contam com acesso à energia elétrica, água encanada, televisão, internet, postos de saúde e atendimento de saneamento e escolas. No entanto, com a nossa visão externa, os Kaxarari encontram-se numa situação desfavorável, pois parte desses aparatos modernos não atendem satisfatoriamente suas necessidades.

É preciso enfatizar que as famílias possuem suas roças e cultivam principalmente culturas de subsistência, como mandioca, macaxeira, bananas, feijão, arroz e frutíferas. Eles entendem que se tivessem tratores para aragem da terra isso aumentaria sua produção, consequentemente precisariam de veículos para transportar e comercializar nas áreas urbanas.

Quanto ao sistema de saúde, apenas três aldeias possuem postos construídos e em funcionamento para o atendimento de seus membros. Os recursos humanos que realizam atividades na TIK (Quadro 2) são compostos por oito agentes indígenas de saúde (AISs) que são responsáveis pelas atividades dos postos, e sete agentes indígenas de saneamento (AISANs) que atuam na coleta de lixo produzidos nas aldeias.

Os AISs e AISANs são contratados por empresa terceirizada, a qual presta serviços à Secretaria Especial de Saúde Indígena (SESAI) - responsável em coordenar e executar a Política Nacional de Atenção à Saúde dos Povos Indígenas e todo o processo de gestão do Subsistema de Atenção à Saúde Indígena (SasiSUS) no Sistema Único de Saúde (SUS).

**Quadro 2.** AISs e AISANs Kaxarari

Seq	Aldeia	AISs	AISANs
1	Barrinha	Lenildo Alves Costa Kaxarari	Zilda Alves Costa Kaxarari
2	Txakuby		
3	Central	Jorge P. Costa Kaxarari	Rosana Souza Costa Kaxarari
4	Nova	Ailton Costa Kaxarari	
5	Marmelinho	Jair Martins Kaxarari	Jailton Martins Kaxarari
6	Buriti	Angelita Ambrósio Kaxarari	Adílio Martins Kaxarari
7	Pedreira	Creuza Costa C. Kaxarari	Edinilson Alves Kaxarari
8	Paxiúba	Lucilene Souza Kaxarari	Valdilson César Kaxarari
9	Kawapu	Valdilene César Kaxarari	Flávio César Kaxarari

Fonte: Atividade de campo. Organ. por Nogueira (2019).

Nenhuma das aldeias contam com médicos e os AISs só realizam atendimentos simples, curativos, entrega de medicação que não precisa de indicação médica, analgésicos, antitérmicos, etc. Caso existam pacientes em situações mais graves (cirurgia, internação, dentre outros), esses são encaminhados para o sistema de saúde pública em Extrema, onde funciona uma pequena estrutura da Secretaria Especial de Saúde Indígena - SESAI.

A TIK possui dois cemitérios, que por coincidência ficam situados próximos às aldeias que contam com o posto de saúde e com escolas. Cada clã possui seu próprio cemitério (Quadro 3). As que não contam com esse espaço sagrado encaminham seus entes queridos para sepultamento para aquelas que são detentoras de cemitérios. Constatamos que a Marmelinho atende a Buriti com o sepultamento dos mortos.

**Quadro 3.** Postos de saúde e cemitérios – TIK

Clã	Seq	Aldeia	Posto Saúde	Cemitério
Kaibu	1	Barrinha	PS na Escola	
	2	Txakuby		
	3	Central	PS na Escola	
	4	Nova	PS na Escola	
	5	Marmelinho	PS na Escola	Cemitério Próprio
	6	Buriti	PS na Escola	
Yamaku	7	Pedreira	PS Individual	Cemitério Próprio
	8	Paxiúba	Tem AIS	
	9	Kawapu	PS na Escola	

Fonte: Atividade de campo. Organ. por Nogueira (2018).

De acordo com as informações obtidas no campo, atualmente, não existe mais o ritual de sepultamento específico Kaxarari. Apenas ocorre o velório e o sepultamento nos moldes realizados pela sociedade envolvente. Em algumas ocasiões os não evangélicos costumam acender velas em respeito memorial aos que partiram para a eternidade.

Em relação à educação formal, todas as aldeias possuem escolas públicas, umas somente até a 5ª série do Ensino Fundamental e duas oferecem até o Ensino Médio completo – estas são construídas em alvenaria, as demais em madeira.

As escolas passam por um processo de reforma, com vistoria e melhoria da estrutura. Outras duas estão em construção como compensação ambiental e social das usinas hidrelétricas do complexo do rio Madeira. Os sete professores e oito professoras, quase todos são os indígenas e moram em suas respectivas aldeias. O Quadro 4 apresenta as escolas, o ensino oferecido e os professores.

Esses recursos humanos pertencem aos quadros da Secretaria de Estado da Educação (SEDUC-RO) e consideram que dentre as grandes dificuldades encontradas, semelhantes ao que ocorre na educação indígena em outras terras indígenas, estão: a) escassez de material didático; b) inexistência de material didático na língua Kaxarari; c) a merenda escolar não tem certa regularidade; d) ao terminar os estudos nas aldeias, a maioria dos estudantes não conseguem prosseguir, pois os pais tem limitações financeiras para mantê-los na cidade; e) salas multisseriadas e professores que ministram várias disciplinas distintas.

**Quadro 4.** Escolas, nível de ensino e professores

Clã	Aldeia	Ensino Fund. Máx.	Ens. Médio Máx.	Professores
Kaibu	Barrinha	Completo		Ilma Alves Kaxarari; Sebastiana Costa Martins Kaxarari
	Txakuby	5ª Série		Edvaldo Costa Kaxarari
	Central	5ª Série		Marcondes Rodrigues Kaxarari; Elinês Said de Souza Vieira
	Nova	5ª Série		Regiane Alves Costa Kaxarari (Yrianá)
	Marmelinho	Completo		Edimilson Mariano Kaxarari
	Buriti	4ª Série		Edinei Martins Kaxarari
Yamaku	Pedreira	Completo	Completo	Rosinalda Kaxarari; Said de Souza Kaxarari; André Alves da Silva; Dionísio César Kaxarari
	Paxiúba	Completo	Completo	Celso Souza; Alcileine Souza; Regina Ribeiro
	Kawapu	Completo		Denizete Simão Kaxarari; Rosângela do Nascimento Kaxarari

Fonte: Atividade de campo. Organ. por Nogueira (2019).

Outra informação, mas sem dados concretos, é quanto a escolarização, em que os mais idosos não tiveram a oportunidade de cursar a educação formal, no entanto, atuam como sabedores e sabedoras nas escolas das aldeias. Por outro, a professora Regiane Yrianá em 2019 concluiu o curso de Pedagogia numa instituição particular de ensino superior.

### CONSIDERAÇÕES NÃO CONCLUSIVAS

Nosso propósito foi demonstrar, ainda que de maneira fragmentada, aspectos, fenômenos e elementos representativos do modo de viver e compreender o mundo Kaxarari, por meio de sucessivas expressões e formas simbólicas descritas por esse coletivo humano. Foi possível estabelecer algumas conexões que se entrelaçam como linguagem no processo de compreensão do espaço de ação e na definição de formas e funções atribuídas às territorialidades/espacialidades de seu universo representativo, como se constata não somente nas narrativas que remete ao mítico, mas também àquelas vinculadas a realidades vivenciadas por eles.

Neste sentido, temos ainda que de modo provisório, incompleto, a geograficidade, a cultura, os marcadores e demarcadores territoriais, os quais sintetizam a trajetória dos Kaxarari na porção sul-ocidental da Amazônia brasileira, de modo que, pelos relatos memoriais, há mais de um século esse povo tinha muitas terras e um contingente populacional bem mais expressivo.

No decorrer desse tempo, muitas transformações sociais, culturais, espirituais e ambientais ocorrem no universo Kaxarari, notadamente, quando do estabelecimento do contato com a sociedade envolvente, com isso o povo passou a sofrer uma série de desafios e pressões que resultou em mortalidade de seus membros por meio de ações como: a) a subjugação análoga à escravidão; b) a perda territorial com ocupações ilegais; c) danos

ambientais imensuráveis (desmatamento, mineração, extração ilegal de madeiras, dentre outros) e impactantes à biodiversidade; d) o surgimento de doenças que não conheciam; e) a proliferação de malária e febre amarela.

Tal situação veio a contribuir ainda com o aprofundamento das questões internas Kaxarari, que de modo geral, encontra-se, na atualidade, aparentemente sem estratégias efetivas para o enfrentamento da realidade existente, vez que os problemas são de grande extensão e complexidade.

Neste sentido, a confirmação do quadro encontrado é a existência de cinco associações — uma delas em processo de formalização e de iniciativa das mulheres. Ao contrário do que se pensa, pois transparece dessa maneira, o aumento do número de entidades necessariamente não aglutina e/ou fortalece o povo, acirra certas tensões e perde-se o objetivo maior que é o de defender os direitos e interesses dos Kaxarari.

Mediante ao apresentado no presente trabalho, entendemos como relevante, pois pouco há escrito sobre o povo Kaxarari, com isso as lacunas existentes podem e devem ser cobertas com estudos de maior profundidade teórico-conceitual, o que implica ainda em se ter maior vivência empírica para a compreensão das manifestações e representações simbólicas de seu universo.

## NOTAS

5 Parte da TIK situa-se no Distrito de Extrema pertencente ao município de Porto Velho, o qual limita-se com a Bolívia – aproximadamente 120km da fronteira. Os Kaxarari mantêm algumas relações sociais com os bolivianos que constantemente frequentam o mencionado Distrito.

6 No I Encontro das Mulheres Kaxarari, ele estava com 79 anos de idade, pois afirma que nasceu no início da década de 1940. Seu RG e CPF apontam o dia 24-04-1940, como data de nascimento.

7 Em conformidade com <https://terrasindigenas.org.br/pt-br/terras-indigenas/3727> existem quatro requerimentos de pesquisa na TIK pelas seguintes empresas e áreas: 1) C.R. Almeida S/A Engenharia de Obras (3.306,67ha); 2) Getúlio Dornelles (6.909,07ha); 3) Brita Norte Mineração Engenharia e Terraplanagem Ltda (7.069,31ha) – todas essas com estanho; 4) Mlm Mineração Ltda (7.035,12ha – ferro). Assim, esses pedidos de exploração mineral totalizam 24.320,17ha, correspondentes a 16,66% da área total da TI oficialmente demarcada.

8 Cauchero também fazia o papel de seringueiro amazônico, ou seja, “tirador” do leite das árvores de caucho *Castilla ulei Warb* e seringueira *Hevea brasiliensis*. Era um desbravador das florestas amazônicas, que morava na mata e vivia da caça, pesca e extrativismo vegetal. A atividade permaneceu até meados da década de 1970, no Brasil.

9 É comercializada no Brasil e na Bolívia, depois segue para outros países.

10 É uma árvore, sem identificação botânica, da qual se extrai uma solução decoativa, usada exclusivamente por homens adultos Kaxarari, para conexão espiritual com o sagrado, mediante expansão da consciência. Não se trata do cipó *kupá Cissus gongylodes Burch* – conhecido como cipó babão ou mandioca aérea, utilizado como alimento tradicional pelos Kayapó, Xerente, Canela e Krahô.

11 É uma área explorada individualmente por família de seringueiros, nela contém a casa do extrativista e as plantações de subsistência que ficam no centro, rodeadas pela floresta. Uma colocação é formada por no mínimo três estradas de seringa, que começam e termina no mesmo ponto. Cada estrada tem em média 160 árvores e abrange uma área aproximada de 100ha, com diversas outras espécies florestais nativas. O conjunto dessas colocações compõe um seringal.

12 É o uso da fumaça pela queima sobre brasas – carvão incandescente – de ervas, óleos, resinas e raízes aromáticas para depurar e harmonizar energias, higienizar, perfumar, purificar e melhorar ambientes e pessoas, dentre outras finalidades espirituais.

13 São fundamentos espirituais, mantras e cânticos sagrados de várias religiões. Cantados, entoados ou apenas pronunciados em ambiente de trabalhos espirituais, ritualísticos para: harmonizar; louvar; saudar; agradecer ou despedir de guias, entidades ou orixás; evocar determinadas energias ou guias específicos; dentre outras finalidades.

14 É um fenômeno espiritual maligno, provocado por um espírito mundano “perdido”, não desenvolvido, que vaga pela terra, a mando de alguém que é malicioso, perverso, pernicioso à alma e ao corpo, que “encostam” em uma pessoa para sugar as suas energias, e dissemina uma série de problemas físicos, espirituais e psíquicos.

15 É toda e qualquer substância que altere a consciência da pessoa, induz a alteração de consciência, leva ao estado xamânico, de êxtase, propicia a expansão da consciência, e pode permitir uma conexão com a espiritualidade, com divindades e com o sagrado.

16 Remédio homeopático, fitoterápico, uma tintura de jalapa, com propriedades laxativas – purgante –, de uso muito popular no pós-parto, encontrado nas farmácias urbanas, serve inclusive para problemas de constipação intestinal e outras patologias do trato intestinal.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA SILVA, A. **Territorialidades e identidade do coletivo Kawahib da Terra Indígena Uru-Eu-Wau-Wau em Rondônia: “Orevaki Are” (Reencontro) dos “Marcadores Territoriais”**. 2010. Tese (Doutorado em Geografia) - UFPR/SCT/DG/PPGMDG, Curitiba, 2010.

ALMEIDA SILVA, A. **Territorialidades, identidades e marcadores territoriais Kawahib da Terra Indígena Uru-Eu-Wau-Wau em Rondônia**. 1. ed. Jundiaí: Paco Editorial, 2015.

CASSIRER, E. **A filosofia das formas simbólicas**. São Paulo: Martins Fontes, 2001 [1926]. v. I: A linguagem.

CASSIRER, E. **A filosofia das formas simbólicas**. São Paulo: Martins Fontes, 2004 [1926]. v. II: O pensamento mítico.

CASSIRER, E. **Antropología filosófica: introdução a uma filosofia de la cultura**. 5. ed. México: Fondo de Cultura Económica, 1968 [1944].

CASSIRER, E. **Ensaio sobre o homem: introdução a uma filosofia da cultura humana**. São Paulo: Martins Fontes, 1994 [1944].

CASSIRER, E. **Esencia y efecto del concepto de símbolo**. México: Fondo de Cultura Económica, 1975 [1956].

CASSIRER, E. **Indivíduo y Cosmos en la filosofía del Renacimiento**. Buenos Aires: Emecé, 2005 [1951].

CASSIRER, E. **Las ciencias de la cultura**. 2. ed. México: Fondo de Cultura Económica, 2005 [1942].

CASSIRER, E. **Linguagem e mito**. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1992 [1925].

CASSIRER, E. **O mito do Estado**. Rio de Janeiro: Zahar, 1976 [1946].

CASSIRER, E. **The Philosophy of symbolic forms**. New Haven: Yale University Press, 1953-1957 [1929]. v. III: The Phenomenology of Knowledge

CASSIRER, E. Uma chave para a natureza do homem: o símbolo. *In*: CASSIRER, E. **Antropologia filosófica**. São Paulo: Mestre Jou, 1978 [1944].

- CLAVAL, P. **A geografia cultural**. 3. ed. Florianópolis: EdUFSC, 2007.
- DARDEL, E. **O homem e a terra: natureza da realidade geográfica**. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- HOEBEL, E.A. e FROST, E.L. **Antropologia cultural e social**. 7. ed. São Paulo: Cultrix, 2005 [1976].
- ISA. Instituto Socioambiental. Terras indígenas no Brasil: terra indígena Kaxarari. 2019. Disponível em: <https://terrasindigenas.org.br/pt-br/terras-indigenas/3727#demografia>. Acesso em: 20 out. 2019.
- SAHLINS, M. “O ‘pessimismo sentimental’ e a experiência etnográfica: porque a cultura não é um ‘objeto’ em via de extinção (parte I)”. **Mana Estudos de Antropologia Social**: Museu Nacional. Rio de Janeiro: UFRJ, v. 3, n. 1, p. 41-73, 1997a.
- SAHLINS, M. “O ‘pessimismo sentimental’ e a experiência etnográfica: porque a cultura não é um ‘objeto’ em via de extinção (parte II)”. **Mana Estudos de Antropologia Social**: Museu Nacional. Rio de Janeiro: UFRJ, v. 3, n. 2, p. 103-150, 1997b.
- SAHLINS, M. **Ilhas de história**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003 [1985].